


VELUT
ARBOR
ÆVO



# Camillo Inédito

Prefacio e Notações

por

VISCONDE DE VILLA-MOURA

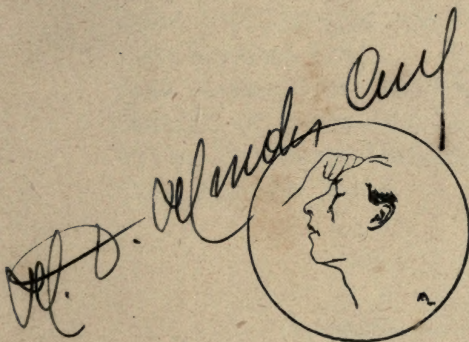
Edição da
Renascença Portugueesa
PORTO - 1913

# CAMILLO INÉDITO

Com um prefacio e notações

por

VISCONDE DE VILLA-MOURA



Edição da

RENASCENÇA PORTUGUESA

Pôrto – 1913

A

Alvaro Pinto
Prof. Bernardo de Madureira
Conde do Ameal
Eugenio de Castro
Jaime Cortesão
João Caetano da Silva Campos
Prof. José Leite de Vasconsellos
Luiz Ferreira Lima
Luiz Marcos Leite Negrão
Manuel de Brito Aranha
Pedro Fernandes Thomás
Prof. Ricardo Jorge

Depositarios dos originaes d'este livro,

off.

Visconde de Villa-Moura

# PREFACIO

O titulo d'este livro diz plenamente dos seus intuitos.

A bem dizer estas paginas de prefacio são um peccado de devoção. Enchem um momento doentio, a necessidade de falar do Romancista, um momento que a sombra d'elle apagará em si...

A presente obra é que jamais se apagará. Porque é ainda Camillo, e Camillo na sua feição suprema e intima—a echoar em corações amigos os gritos da sua Arte e miserias; sobretudo a expressar da sombra immensa a velha tortura do seu genio, tão irmão da Raça.

Raro exemplo d'Arte humanizada!

A sua figura, elemento de emoção, presente de eternidade, explica as photo-sculpturas dos mais intimos desdobramentos. Ora estes desdobramentos, que commoveram

o mundo intimo e publico da sua obra, revelam uma das mais altas e sinceras dôres, a dôr que o Destino crucifica sempre n'um Artista.

Camillo foi uma raça a soffrer. Soffreu a chorar, a rir. Sobretudo a rir, porque jamais elle, um romancista, realizou a ficção!...

E' hoje maior do que em vida.

E' que a bem dizer só a sua sombra era real—aquella sombra que o projectou, e hoje cresce a Noite d'uma raça...

Ha homens, como Balzac, que reflectem, na Obra, um infinito de sentidos.

Camillo tem o numero exacto de sentidos, accrescentados do genio dos seus males, redosos de risos e agonia.

Estes risos e agonia é que lhe dão a feição maxima da fórma humana e artistica de ser, tecendo a sombra enorme do escriptor que vive na projecção—a grandeza expiatoria d'uma figura de inferno, accrescentada do genio que exprime Deus.

O homem de genio é, afinal, o erro, mas um erro de Deus. Camillo é a vida transcendendo Arte, o que equivale a dizer —um systema de sentimento.

A sua obra, expressão d'uma raça genial e tôrva, tem o reflexo extranho do diamante. O brilhante é o diamante polido, estragado. Elle é o diamante, luminoso de fatalidade, o genio impolivel, a belleza pura, embora doentia, o Bello mysterioso...

Só uma vez a tortura foi genio peninsular. Foi em Camillo que a tratou pelo sarcasmo.

Cada vez que a memoria m'o revela, revivo um aspecto seu. E' um phantasma que, debruçado no abysmo da propria alma, tôrvo das suas lagrimas, espectra de si uma galeria extensa de figuras que elle, inconsciente de genio e amargura, se dá a estudar, a soffer...

Estas figuras, maravilhosos desdobramentos d'alma, que o esparsam e complicam —são, afinal, o mundo intimo do seu extranho ser de nevrosado.

Se fosse mais artista era menor. A obra de Camillo não póde dizer-se creação. E' um achado. Encontrou-se, deu-se...

Editou-o a Fatalidade!

A sua Arte chama-se Emoção. E' o genio—elemento, a onda a discorrer, a es-

tatuar. Onda immensa de sentido, encapellando tragedia. Jamais alguem poz a grandeza que usou nas suas miserias, porque jamais o Destino repetiu sensibilidade assim.

Alguem o chamou uma força da natureza.

Tenho a impressão contraria—a da sua fraqueza genial. Que de vezes se revoltou contra si! E que de vezes a vida extranha o distrahiu! Então versava figuras de somenos, urdindo em livros ou nos *lambris* dos jornaes—laudas de generosidade ou de esphacêlo—assumptos da vida inferior. Mas era então que a Fatalidade mais o tutelava.

E, milagre d'ella, as suas figuras, esculpturadas na lama do tempo viviam ainda a emoção do artista. E a lama, uma vez animada, vivia no genio que a esculpia formas eternas...

Milagre da Belleza, as suas inferioridades foram ainda *maquettes* extraordinarias, supremas d'Arte. E' o caso de *Eusebio Macario, Corja, Queda de um Anjo* e de tantas outras obras.

Ainda mais. Que de vezes esculpiu em

cinza, — cinza quente, restos amassados de paixões estertorosas!

Enormes de commoção, prolongam hoje o seu drama estatuas de cinza viva, fórmas batidas e accesas por lufadas de desgraça, figuras de fogo a faúlar o inferno da sua dôr.

Demarca-lhe a Arte um mundo extravagante e sinistro, aquelle que concebeu na sua noite perduravel de sombrio.

Singularissima Arte! Que de vezes ensaiou a Morte...

Então vestia, armava a imaginação de crépes, e era na camara ardente da sua officina de phantasma que gizava sobre o panno negro as grandes figuras da sua tragedia! Gizadas ellas, tomava logar no catafalco...

E então a sua fórma arrefecida revelava-as do calor perdido. Sinistras revelações! Eram figuras extraordinarias de fatalidade, a entrudar miserias, caricaturas-phantasmas de Dôr!

Levantava-se a vê-las, a estuda-las. Por fim reconhecia-se, encarava-se n'ellas. Depois ria, ria, como para distrahir o publico da galeria macabra dos seus desdobramentos, monstros afflictivos de Sentimento e Belleza...

Aquella grande figura de emoção que é Camillo sarcasta véla, primeiro, o homem do Romancista; processa, depois, o drama do Suicida, antes ensaiado nas suas figuras de Dôr.

E, assim, elle é mais do que qualquer outro Artista. E' a Morte creadora, a Morte fecunda!

E, entretanto, a sua fórma martyrizada pelo ultimo drama de Seide, atravessou, mysteriosa e quasi ignorada, o Porto, então indifferente, occupado...

Nem devotos, nem curiosos a ajoelhar, a vê-lo!

Passou como a memoria de um cyclóne, já longe!

A poeira serve a desenhar as convulsões do vento. Elle era já o pó, na forma quieta e derradeira, e ainda esphingico, mysterioso de Raça, a desenhar a Dôr,—impresso, fixo do seu enorme vendaval!

E, sempre tragico, n'um ultimo requinte de sarcasmo, elle vae, na ultima romaria, a cumprir a vontade expressa n'uma carta—

descansar na Lapa á sombra d'um marmore emprestado. [1] E' um marmore modesto, mas que vale o Pantheon!

Indicou-lh'o o Destino, contra a consciencia amollecida do paiz que bocejava, a mêdo, a ideia de o acantonar nos Jeronymos. E assim, ainda o pó da sua desgraça foi parar ao carneiro mais proprio, o da Familia-*Fortuna!*

Ahi jaz! Quer dizer, ahi ri ainda, em pó, o riso eterno da desgraça, na mascara da Fortuna, no seu velho carneiro de sarcasmo! O jazigo-Fortuna é o marmore onde o seu genio sinistro cahiu a rir desgraça, a Morte!

Este livro é um retalho da sua grande sombra errante...

Ancêde 1912 (Dezembro).

(1) Referimo-nos á carta que escreveu a Freitas Fortuna, de Bemfica, em 15 de julho de 1889, pedindo-lhe um logar no jazigo.

# DECLARAÇÃO

22 de Novembro de 1888

10 horas da noute

Os incuraveis padecimentos que se vão complicando todos os dias levam-me ao suicidio — unico remedio q̃ lhes posso dar. Rodeado de infelicidades de especie moral, sendo a primeira a insania de meu filho Jorge, e a segunda os desatinos de meu filho Nuno, nada tenho a que me ampare nas consolações da familia. A mãe destes dois desgraçados não

promette longa vida; e, se
eu podesse arrastar a m.ª
existencia até ver Anna Pla
cido morta, infallivelm.te
me suicidaria. Naõ deixa
rei cahir sobre mim essa
enorme desventura — a maior,
a incomprehensivel á m.ª gran
de comprehensaõ da desgra
ça. Esta deliberaçaõ de
me suicidar vem de longe
como um presentim.to
Previ, desde os 30 annos,
este fim. Receio q

chegado o supremo momento,
não tenha a firmeza de es-
pirito pª traçar estas li-
nhas. Antecipo-me á
hora final. Quem poder
ter a intuição das minhas
dores, não me lastime.
A mª vida foi tão extra-
ordinariamente infeliz que
não podia acabar como a
da maioria dos desgraça-
dos. Quando se ler este
papel, eu estarei gozando
a primeira hora de

repouso. Não deixo-
nada. Deixo um exem-
plo. Este abysmo a que
me atirei é o *termino*
da vereda viciosa por
onde as fatalidades me
encaminharam. Seja
bom e virtuoso quem
o poder ser. (1)

Camillo Castello Branco

S. Miguel de Seide

---

(1) Pertence o original d'esta declaração ao Ex.mo Snr. Luiz Ferreira Lima, que obsequiosamente m'o facultou.

V. M.

# CARTAS DE CAMILLO

## I

## A MANUEL NEGRÃO [1]

*Am.º M.el Negrão*

*Tens razão para te queixares. Creio que te diriam que procurei saber da tua saude e despedir-me. Teu irmão disse-me que estavas de saude na amavel companhia de quem*

[1] Era um dos velhos companheiros de Camillo a quem elle se refere, no livro — *Maria da Fonte,* da maneira seguinte:

"Filho do desembargador Pereira Negrão e neto do cele-"bre e erudito chanceller-mór do reino, Manuel Nicolau Es-"teves Negrão, cofundador de Arcadia Ulyssiponense, retirou "ha vinte e cinco annos do Porto para a sua casa solar de "Mosteirô, na margem direita do Douro. Entre os rapazes "mais presados, mais cavalheiramente briosos em que o Porto "primava n'esse tempo, Manuel Negrão era modelo dos mais "selectos. Acercando-se de raros amigos, eu fui um dos mais "honrados com a sua estima e confiança desde 1847. Separa-"dos pela distancia das leguas e dos annos, quando raramente "nos encontramos, sentimos remoçarem-se por momentos "aquelles dois rapazes nada romanticos, em pleno romantis-"mo, que endureciam o corpo em passeios a cavallo de dezoito

*mais do teu gosto é. Saberás, meu caro Negrão, que tenho vivido senão feliz ao menos pacificamente n'esta muito linda cidade de Coimbra. Esta terra tem encantos, que só lh'os conhece o homem de vida trabalhada d'angustias, que vem refocilar-se n'esta sacrosanta paz da modulada banza.*

*Aqui tudo é um requebro saudoso de vida a* moyen age. *Gosto, e levarei pena quando d'aqui sahir. Não tenho vivido á laia de chinfrim. Vivo na aristocracia intellectual, e estou relacionado com estas summidades mais ou menos caricatas.*

*Por dias de entrudo ahi estou. Crê meu*

"leguas, até Coimbra; e elle se lhe pruiam saudades, mettia "de esporas e ia alli a baixo até Lisboa, visitar sua avó, a "s.ª viscondessa de Magé, ou os seus primos, os Teixeiras, "da Pampulha. Eram assim os duros Marialvas antes do "sybaritismo da mala-posta e da estupida celeridade da via "ferrea. E, nos intervallos d'essa gymnastica restaurante, "amollentavamos a alma, recitando com muita ternura as "poesias lacrimaveis dos menestreis contemporaneos, quasi "todos da rua das Flores. Ás vezes apeavamos dos nossos "fouveiros á porta das tabernas, d'onde vaporavam chanfa-"nas perdilectas, e digeriamos com as estrophes da *Lyra poe-"tica* as colladas rescendentes de colorau. Eu vim d'ahi, de "colica em colica intestinal, até esta ruina gastrica que sou "hoje. Manuel Negrão está forte, muito surdo como em ra-"paz, donoso cavalleiro como sempre, e sobretudo rejuvenesci-"do pelas delicias de avô, as delicias da familia que lhe "foram toda a vida as supremas."

Manuel Negrão morreu ha poucos annos. Ainda tive-

*bom amigo, que não são conveniencias mulheris as que ahi me levam.*

*Acabei de conhecer que não tenho um atomo de sensibilidade no coração. Foi um bello ensaio, para maior jornada...*

*Dispõe do teu*

*amigo effectuoso*

*Coimbra 3 de Fevereiro.*

*Camillo C. Branco*

*Meu caro Negrão*

*Cheguei hontem de Lisboa. Encontrei a tua carta. Fui logo procurar o governador civil. Soube que tinha ido passar o entrudo a V.ª do Conde, d'onde é natural. Indaguei ácerca do amanuense moribundo. Effectivamente um tal Simoens está thysico em 3.º grão, mas não moribundo. Devo prevenir-te que as mais fortes pressoens sobre os gover-*

mos a boa fortuna de avaliar do seu trato, esmeradamente fidalgo. Continua hoje o seu bom nome e casa, a poucos passos d'esta d'onde escrevemos, o neto—Luiz Marcos Leite Negrão, a cuja amabilidade devemos a copia da primeira serie de cartas que abrem este livro.

*nadores civis são as influencias eleitoraes, e que para cada logar d'estes ha dusias de bachareis a solicital-os. Não obstante eu hei-de empregar todos os rogos para servir esse valentão que jogava o páo comigo ha 16 annos, ou coisa assim.*

*Encareceram a preponderancia que tenho sobre o Freitas Soares. O homem diz que me deseja servir; mas, como nunca lhe pedi nada, vou agora experimentar. Adeus meu caro Manuel.*

*Que saudades, rapaz!...*

*Porto, 11 de fevereiro de 72.*

*Teu*

*Camillo*

*Meu presado Negrão*

*O opúsculo do conego Alves Mendes foi, ha poucos dias, mettido a riso por um tal Alexandre da Conceição com quem ha dois mezes me entretenho nas horas vagas de estudos pesados. Eu tencionava deixal-o; mas volto ao lamaçal para ter ensejo de satisfazer ao teu Nicolau e meu amigo a vontade, e não só por elle, mas pela justiça da*

*causa. Costumo enviar os meus artigos ás Ribaltas, semanario de Lisboa* (1).

*Estamos dois selvagens, meu caro Negrão. Tu em Mosteirô e eu em S. Miguel de Seide. Ha sete mezes estive na estação proxima da tua casa* (2). *Não podia ir abraçar-te porque acompanhava meu filho Jorge que indoudeceu aos 16 annos, tem hoje 18, e está irremediavelmente perdido. Quando ahi passei, vinha das Pedras Salgadas onde elle apenas se demorou 2 horas, e quiz immediatamente voltar para casa. Eu adoro este desgraçado; e o que peço a Deus é que m'o deixe viver assim. Isto* de Deus *é um velho modo de fallar...*

*Abraça-te com muita amizade e saudade o teu amigo*

*T. C. 1-4-81.*

*Camillo Castello Branco.*

(1) Refere-se á polemica com Alexandre da Conceição nas *Ribaltas e Gambiarras*, onde Camillo escrevia a pedido de Giomar Torresão. Esta polemica encontra-se completa na *Bibliographia Portugueza e Estrangeira* de Chardron (n.os 1 a 12). Os artigos de Camillo foram ainda reproduzidos na *Bohemia do Espirito.*

(2) Mosteirô.

*Meu caro Manuel*

*Comoveu-me a tua fineza da bengala. Lembravas-te de mim quando esculpias a caveira! Gosto immenso d'esta prenda querida que me seguirá a toda a parte* (1). *Desejava passar comtigo dois dias como repouso a este espirito estafado de trabalhar. Estás em Mesãofrio ou Mosteirô?*

*Teu do coração*

*Camillo Castello Branco.*

*T. C. Seide, 14-11-82.*

*Meu caro Negrão*

*Hoje mesmo escrevi ao F. Martins. Veremos a resposta. Se o homem tiver d'isso, decerto nos obsequeia; mas eu creio que elle, enterrando muita moeda na Citania,*

(1) Era um dos passatempos de M.el Negrão lavrar castões de bengalas, cortados nos rebentos das melhores cepeiras da sua quinta solarenga de Mosteirô. Estas bengalas destinava-as aos amigos. Sabemos de varios presenteados. Esta que Camillo agradece chegou a Seide tarde, ou tenha sido trez annos depois do escriptor ter sido ameaçado com a bengala de Petropolis do brazileiro Arthur Barreiros. (Vid criticos do C. alegre). Não figurou pois na questão o bom marmeleiro de Ancêde...

*apenas desenterrou cacos, que afinal é no que se reduz essa velharia que te levou os 54.*

*Os meus 58 enviam-te muito saudar* [1].

*Teu do C.*

*Camillo*

[1] Possuo a copia da Carta de M.el Negrão a que esta responde. E' como segue:

"Meu caro Camillo.

Amigo: Tendo muitissimo empenho em moedas romanas e supponde que o Francisco Martins deve ter disso e muito repetido, de suas escavações *citanicas* e ainda que elle t'as não negaria a ti, lembrou-me perguntar-te se quererás ser amavel ao ponto de lh'as pedir; a mim tudo me serve. Se me fora dado escolher, havendo-as, preferia a medalha da cidade *Citania* ou Cinnania, cujos habitantes tiveram tanto brio e tão galhardo espirito que sitiados por Brutos, a seus embaixadores em proposta do levantamento do cerco, responderam a uma voz, que de seus antepassados herdaram ferro com que defendessem a Patria e não ouro com que comprar a sua liberdade a um general avaro. Por egual apreciára a *vera efigie* do proprio D. Junis Brutus, Callaicus, que por certo terá sido conquistador deste como de outros pontos lusitanos e que nem pintado ainda vi. [1] Se com este mimo, já valiosissimo, viéra ainda um vaso qualquer, fosse *Olla cineraria, ampulla, epichysis, gutus,* ou *carchesium, pterótus, pocula, obba,* um caco afinal, então fora para endoidecer um telhudo da minha força!! Releva a monomania e recebe o abraço intimo do teu M.el Negrão.

Mosteirô 24-6-84."

Manuel Negrão, que era um archeologo de merecimento, conseguiu arranjar na Casa de Mosteirô um pequeno museu de valiosissimas raridades.

[1] **Não ha medalhas de Citania nem de Bruto.**

*Meu caro Manuel*

*O dr. Madureira* (1) *disse-me que estavas em Ancêde; mas como não sei como se dirigem cartas para Ancêde, escrevo para Mesãofrio. No anno passado pedi ao Martins Sarmento algumas velharias que tu desejavas. Respondeu-me que a Citania apenas dera cacos; todavia, faria selecção d'alguma cousa apresentavel para me enviar. Nunca veio nada. Estes esfossilisadores de ruinas são mais avarentos que os das minas de ouro. Eu o que te posso offerecer para o teu museu archeologico é o teu decrepito Camillo.*

*Dize-me em duas linhas o que se passou desde a sahida do Macdonell, em Janeiro de 47, de V.ª Real até que o mataram.* (2) *Onde pernoitou? Que se passou quando o avisaram da approximação das avançadas de Vinhaes? Elle tinha matado o bicho? Que disse elle aos de quartel general? Morreu a*

(1) Refere-se ao Dr. Bernardo Augusto de Madureira, um dos lentes mais distinctos da Faculdade de Theologia, tambem natural de Ancêde e muito affecto aos dois.

(2) Camillo pedia estes esclarecimentos para os inserir no livro *Maria da Fonte,* onde veem de facto.

Negrão tinha-se alistado em 1846 sob o commando do General escossez. Fora, pois, testemunha do que alli relata.

*tiro ou a cutiladas? Não tinha um cavallo baio e um cinturão de libras? Não foi um sargento quem o matou? O Rangel estaria de boa-fé, cuidando que Macdonell não era um perfido patife? E' certo o escocez ter dito que ia dar um passo que salvaria o rei? Ainda não vi contado o ultimo dia de Macdonell tal qual foi.*

*Necessito contal-o em um livro que estou alinhavando. Responde ao teu*

*Camillo Castello Branco.*

*S. Miguel de Seide*
*5-1-84*



*Meu caro Negrão.*

*Congratulo-me com as tuas alegrias e com as dos teus excellentes irmãos. Abraça o Carlos e o Nicolau. Quando vieres ao Porto avisa-me com antecipação de dois dias, porque quero ir dar-te um abraço. E' preciso que ainda nos vejamos antes que um de nós se aparte para onde estão os que nos viram na mocidade. Cumprimentos a tua ex.ma Filha.*

*Teu velho am.o*

*Camillo Castello Branco.*

*P. S. Já escrevi a respeito de Alves Mendes.*

*Meu Negrão.*

*Está bem escripta a tua noticia. Posso publical-a no meu livro com o teu nome, ou repugna-te essa publicidade?*

*O A. C. das grandes barbas, é da casa chamada... Casou com uma filha do F. ministro de estado, ha cousa de 30 annos.*

*Muito p.....` Vive em Coimbra a formar 5 ou 6 filhos de varios sugeitos. E' um idiota jubilado. Creio que ainda vive o outro irmão. Se eu viver na primavéra vou estar comtigo 8 dias. Estou tão surdo como tu.*

*Quando conversarmos, o nosso dialogo hade ouvir-se na linha ferrea. Vivo na cama, n'um estado de podridão incomparavel Imagino-te com uma saúde estupida. O peor é a saudade.*

*Teu do C.*

*Camillo*

*P. S. No teu manuscripto dizes que achaste em V. Pouca caldo, pennosa e paio. Depois entraste na fileira com a pennosa em punho. O que é pennosa?*

*Meu coração d'oiro.*

*«Coração d'oiro» te chama Anna Placido. Acho bom. As mulheres em assumptos d'alma são mais intendidas do que nós.*

*Cá estão os ricos* lagumes. *Anna Placido, logo que ellas chegaram, as batatas, mandou arranjar para ella uma porção, e deita brodio esta noite. Aconselhei-lhe que as acompanhasse com o azeite de Mosteirô. Provavelmente o Jorge é companheiro da orgia. Eu desgraçadamente não posso, porque ha trez noites que as passo a suspirar pelo dia. Nós te agradecemos tudo que vem de ti com o amor que realça infinitamente o valor das cousas; mas, áparte esses realces ideaes, fizeste um bello presente á Anna Placido que chora por batatas como outros choraram pelos cebôlas do Egypto.*

*Comprehendi a tua tristeza no Aguia d'Ouro. Eu para as não sentir já não saio de Seide em dias que possam trazer-me reminiscencias de dias felizes.*

*Como aqui não vejo ninguem feliz, supporto melhor as minhas amarguras de velho e doente. Quando sentires pesada a vida vem até cá, e apprenderás comigo a resignação, e achar-te-has, no confronto, menos infeliz. O Jorge ha dois ou trez dias*

*que verseja incessantemente ou toca flauta. Lê-me tudo e á mãe.*

*Ás vezes estou a gemer, e elle espeta-me uma ode ou uma fabula de Lafontaine. Eu attendo-o com sancta paciencia, e acabo por me persuadir que o mais infeliz d'esta casa não é elle.*

*O outro por lá anda n'um desencadeamento de libertinagens. Não irá longe. E oxalá que elle morra quando tiver o ultimo conto de reis. Vi hoje nos jornaes a noticia da morte de uma D. Patricia Emilia de Barros, de Villa Real* (1) *Era a mãe de minha filha Amelia. E' um aviso. As personagens da minha comedia vão assim cahindo no palco em que eu já mal posso andar. Não me produziu tristeza grande nem profunda saudade. A morte da minha neta desangrou-me todas as lagrimas.*

(1) D. Patricia era filha de José Joaquim de Barros e de D. Anna Pereira de Sampaio, de Villa Real; fugiu com Camillo aos vinte annos de edade pelo que esteve presa com o romancista nas Cadeias da Relação do Porto, a requerimento d'um tio d'elle, affim, João Pinto da Cunha. D'esta ligação teve D. Patricia uma filha, a S.a D. Bernardina Amelia Castello Branco, que nasceu a 25 de junho de 1848 em Villa Real de Traz-os-Montes. Camillo teve sempre uma predilecção muito especial por esta sua filha.

(Vid. Romance do Romancista por A. Pimentel.)

*Ad.$^{s}$ meu querido Negrão. D. Anna envia-te um bom e effectuoso abraço. Dize-me que virás por aqui alguma vez.*

*Teu do c.*

*Camillo C. B.$^{co}$*

*T. C. 21-de Fev-1885*

*Meu querido Negrão.*

*Temos saudades de ti e desejos das tuas noticias, com tanto que sejam boas. Os meus padecimentos, como era de esperar, aggravam-se continuamente. Entreguei-me á reputação medica do Porto mais notavel — o Ricardo Jorge que tem grande vontade em me salvar e aqui tem vindo a Seide ver-me.*

*Sinto por elle e por mim que esta doença seja refractaria a remedios. D. Anna tambem soffre muito e vae entrar em tratamento.*

*Deves receber brevemente a* Maria da Fonte *em que já escrevi a dedicatoria.*

*Tenho querido sahir d'aqui; mas o tempo vae frigidissimo para os meus pobres nervos.*

*Agora falla-me de ti, e recebe m.$^{tos}$ affectos de D. Anna e do meu Jorge.*

*Teu do C.*

*Camillo Castello-B.$^{co}$*

*Meu Negrão.*

*A medicina manda-me* cavalgar. *Tenho um garrano de 20 annos, indigno de confiança. Ha muito que o jubilei com mais um terço do ordenado. Em feira não compro burro, porque o compral-o é espiga certa. Queria que tu por ahi me comprasses besta conhecida — egua, cavallo, garrano etc., coisa que se pareça comigo nos annos e na pacatez, e que não exceda 12 libras. Ha eguas abbaciaes excellentes. Não discuto quanto ao tamanho, nem idade. Forte de pernas para prescindir da mão de rédea, e nada de pulmoeira.*

*Lembras-te da orça que comprei ao José Augusto? Aquillo a cada passo, na angustia dos seus bofes, era uma trovoada... que não ha ahi dizel-o sem offensa do nariz.*

*Já te enviaram a* Maria da Fonte? *Alegrou-se esta familia com a tua promessa de vires aqui. Realmente, se a não cumprires não tens desculpa; porque é jornada de trez ou quatro horas. Tivesse eu as tuas forças...*

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

*D. Anna muito grata e muito tua amiga; eu o que podes imaginar. O Jorge está crayonando um Fr. Bartholomeu dos Mar-*

*tyres gigantesco. Estou passando um pouco melhor. Já consigo passar a noute na cama sem me levantar afflicto com attaques de nervos.*

*Adeus, meu rapaz.*

*Cuida-me da burra.*

*Teu do C.*

*Camillo C. B.*

*T. C. 10 de Abril de 85*



*Meu presado Negrão*

*A tua carta a D. Anna não se perdeu; mas quando lh'a escreveste ainda não tinhas aberto o caixão e por isso não chegamos a ter a certeza de que elle chegasse intacto, atravez d'esta Falperra da via-ferrea.*

*M.tos affectos.*

*O Jorge tem peorado. Tem horas enfurecidas.*

*Teu*

*C. C. B.co*

*Meu caro Negrão.*

*Alvoroça-me alegremente a tua vinda. Dize-me em que dia chegas á estação para te mandar um trem, aliás não és capaz de achar S. Miguel de Seide. Olha que tenho cá uma estufa em que estou sempre a cavallo, quando não estou na cama. Não temas morrer de frio por falta de lenha, que eu t'a darei em grande copia. Aviza, ouviste?*

*Teu*

*C. C. B.co*

ↀ

*Meu Negrão.*

*Se não compraste burro, não compres. O medico manda-me mudar d'ares n'este verão, e não me convem levar nem deixar cavalgadura; mas, se já compraste, não desfaças o negócio.*

*Tenho passado tristemente de saude. Já não posso com os 59 annos. Aos 60 não chego.*

*D. Anna lembra-se muito de ti como de um velho amigo. Eu, provavelmente, em maio*

*irei para o Bom Jesus, se lá puder parar sem a familia. D. Anna, por causa do Jorge, não pode ir.*

*Abraça-te o teu*

*Camillo.*

II

## A INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA ([1])

*Meu presado amigo.*

*Será difficil a V. Ex.ª obter p.ª mim um exemplar da* Bibliographia historica portugueza *de Figaniere? No Porto, não ha um á venda. Desculpe-me esta impertinencia; mas um pobre amigo de livros, aqui emboscado n'um matagal do Minho, tem mais liberdades q outro qualqr, mor-*

([1]) Innocencio Francisco da Silva, A. do *Diccionario Bibliographico* (1810-1876). Os originaes das presentes cartas, cujas copias devemos á solicitude do distincto Prof. José Leite de Vasconcellos estão em poder do escriptor M. Pedro Wenceslau de Brito Aranha, continuador do *Diccionario Bibliographico* de Innocencio, redactor principal do *Diario de Noticias,* socio da Academia das Sciencias de Lisboa, auctor das *Memorias historicas de Portugal* e de outras obras.

*mente q^do^ as tem com tão bom cultor das lettras, como amigo e mestre.*

*De V. Ex.^a^*

*S. Miguel de Seide —*
*V.^a^ Nova de F.^am^*

*M.^to^ affectivo e grato v.*

*18 de Ag^to^. 66.*

*Camillo C. B.^co^*

*Meu amigo*

*Deu V. Ex.^a^ com o peor dos seus correspondentes. Revista-se de caridade e como bom cavalleiro de S. Thiago ajude-me a combater o diabo da ignorancia, da minha ignorancia, quero dizer.*

*De Fr. Manoel do Cenaculo tenho apenas os* Cuidados litterarios. *Os* Estudos *e Memorias é que eu queria. Tenho a Rethorica ecclesiastica de Fr. Luis de Granada e m.^tos^ livros d'elle em castelhano. Os sermoens, em portuguez, não.*

*A palestra do Figueiredo, as* Conversaçoens *do p^e^ Sebastião de S. Antonio, e o P. Epifania não tenho.*

*Em compensação tenho as* Preciosidades *de P. Carlos de S. Fr.^co^ e as do Craveiro.*

*Faltam-me as do Colares e do Viterbo, que são substituidas vantajosamente por 80 especies que se disputam a primasia da corrupção.*

*O Fran.*$^{co}$ *de Mendonça ha m.*$^{to}$ *que o procuro. Não anda por aqui á venda; e eu em bibliothecas publicas não leio. O que não encontro á venda ou não possa comprar, ignoro-o.*

*Se V. Ex.*$^{a}$ *n'alguns mom.*$^{tos}$ *de vagar, me quizesse fazer o favor de encarregar algum alfarrabista de procurar os que me faltam dos livros que me indicou, m*$^{to}$ *bom seria p.*$^{a}$ *mim.*

*Verney tenho. Desejava ter o* P.$^{e}$ Severino de S. Modesto.

*Podendo a pessoa encarregada p.*$^{r}$ *V. Ex.*$^{a}$ *obtel-os, acceito-os por qualquer prêço.*

*De V. Ex.*$^{a}$

*Amigo m*$^{to}$ *grato*

*V. N. de F.*
*4 de 8 br.*$^{o}$ *'66*

*Camillo Cast*$^{o}$ *Br*$^{o}$

*Meu prezado amigo.*

*Remetto a V. Ex.ª um exemplar do* Olho de vidro, *que não existiria hoje, se me não tivesse incitado o seu Diccionario. Sahiu pequeno — felizmente p.ª os leitores — o volume.*

*Mandei já procurar os livros á estação do Porto. Hoje mando a V. Ex.ª 4:500 rs, para pagam.to destes e de mais algum que a sua diligente bond.e me for enviando concernente ao pulpito.*

*O que por aqui não topo é sermoens do Paiva.*

*Tenho*

*Do Feio*
*Do Ceita*
*Do Vieira*
*Do Amaral (P.e Fr.co)*
*Do Paes*
*Do Thomaz da Veiga*
*Do Galvão*
*Do Fr. Luiz de S. Fr.co*
*Do Fr. S.am de S.to Ant.º*
*Do Epifania*
*Do Torrezão*
*Do Theod. d'Almd.ª*
*Do Diogo da Annunciação, etc., etc.*

*Do Christovão d'Amd.ª*
*Do Christovão de Lx.ª*
*Do Curado*
*Do Bluteau*
*Do Jeronimo Rib.º de Carv.º*
*Do P.e Fr.co de St M.ª*
*Do Alvaro Leitão*

*E mt.[os] dos corruptos, e alguns dos corruptissimos, e outros avulsos dos que V. Ex.[a] dá como não vulgares.*

*Ainda assim faltam-me excellentes especies para a m.[a] historia do pulpito.*

*Tenho folheado o Dicc. bibliog., em cata dos bons; por lá os vejo, e não espero obtel-os por aqui. O meu trabalho só no anno que vem terá comêço.*

*Daqui até lá irei rebuscando.*

*Tinha m.[to], muitissimo interesse em conhecer quaes peças de Ant.[o] Vieira appareceram pela primeira vez na edição do Vieira. Diga-me V. Ex.[a] em qual dos volumes encontro estampados os que eram ineditos. Posso assegurar-lhe que Fr. João dos Prazeres tão som.[te] escreveu o 30 tomo das* Emprezas.

*E' este que eu vi e examinei. Está completa a obra.*

*De V. Ex.[a]*

*Am.[o] int.[o] obrgd.[o] e Cr.[o]*

*V.[a] N. de F.[am]*

*10 de Obr[o] de 1866.*

*Camillo Castello Br.[co]*

*Meu amigo*

*Os jornaes fazem-me viajar na phantasia d'elles. Eu não sahi nem sahirei deste meu buraco, desta arribana minhota.*

*V Ex.ª solapou o entendim.to e a dignid.e do adversario. Deixe-o fallar no fim; que o remate foi o mais vergonhoso argumento d'elle. Demasiou-se V Ex.ª em exhibir provas sua probidade. E' de que eu tenho que o accusar.*

*Quando V Ex.ª quizer e puder, queira remetter-me p.ª o Porto os livros, e por essa occasião mais lhe imponho o incommodo de me dizer quanto heide remetter para pagam.to d'elles.*

*Mil vezes lhe bejo as mãos por tantos obsequios.*

*De V. Ex.ª am.º m.to affectivo*

*27 de Obrº de 66*

*Camillo Cast.º Br.º*

*Meu ex.$^{mo}$ Amigo*

*Por impedim.$^{to}$ de molestia não avisei ainda V. Ex.$^{a}$ da recepção dos livros. Dou-me por m.$^{to}$ contente da compra, bem que se me fraudasse uma esperança, de obter agora um exemplar perfeito do* Jardim de Portugal. *Com este é o 3.º que obtive truncado, e com frontespicio, nenhum. Se V. Ex.$^{a}$ alguma vez achar á venda um exemp. completo lembre-se de mim. Creio que já lhe pedi a mercê de me comprar, se os descobrisse, o 1.º e 4.º vol. do* Agiologio Lusitano, *e o 4.º da* Aula politica *de Damião A. de L. Isto, porem, só o acaso o poderá deparar a V. Ex.$^{a}$. Deus me livre de que o meu bom am.$^{o}$ supponha que eu lhe peço que procure semelhante coisa. Seria desconhecer as occupaçoens de V. Ex.$^{a}$, e collocar-me a mim na posição de importuno e mal-creado.*

*De V. Ex.$^{a}$ muito grato e affectuoso amigo*

*P. 2 de Abril, 1867.*

*Camillo C. Branco*

*Meu amigo*

*Não receberia V. Ex.ª uma carta em que lhe eu pedia o favor de remetter-me p.ª o Porto os livros que teve a bond.ᵉ de comprar?*

*Agora tenho entre mãos o trabalho a que elles se tornam necessarios, e portanto tenha o meu amigo a paciencia de os mandar á Estação.*

*Tambem lhe pedia o favor de me dizer em quanto importaram. Creio que são os sermoens do P.ᵉ F. de Mendonça*

*» » P.ᵉ Fr. Filippe da Luz*

*» » Paiva d'Andr.ᵉ*

*Não sirvo senão de incommodo a V. Ex.ª mas creia-me tão amigo como respeitador*

*7 de J.º de 67.*

*C. Castello Br.º*

*Ex.ᵐᵒ Snr e*

*Meu amigo.*

*Agradeço a V. Ex.ª este catalogo e todos os que alguma vez se lembrar de enviar ao*

*seu pobre correligionario nesta idolatria do caruncho. Fico com todos os livros, bem que tenha alguns; mas como a D. Anna Placido tambem já está na nossa seita (!) são para ella os exemplares que me sobejam. Remetto a V. Ex.ª um vale de 13$500 rs. ficando o remanescente dos 9$ rs. para a compra do Alvares e D. Montr.º*

*A papelada serve-me. Compre-a V. Ex.ª a ôlho, e mande para a rima que já cá tenho. Fallo dos taes papeis varios da viuva. Não lhe defraudo mais tempo, senão para me confessar sempre de V. Ex.ª cada hora m.s grato e amigo.*

*F.am 2 de abril de 67.*

*Camillo C. Br.º*



*Meu amigo*

*Como V. Ex.ª não tinha em 1860 e pode ser que ainda não tenha um exemplar genuino da Ode de J.e Agosto.º offerecida a Bocage, peço licença para lh'o enviar. Isto nada vale, a meu ver; porém, sabendo eu que q.do V. Ex.ª collecionou os escriptos de Gra-*

*ciano, aceitou agradecido o exemplar contrafeito, pode ser que aprecie este superiorm.[te]*

*Desculpe-me e creia-me de*

*V. Ex.[a] m.[to] am.[o] e por egual obg.[mo]*

*28 de Julho de 1867.*

*Camillo C. Br.[o]*



*Meu Ex.[mo] am.[o]*

*Os livros são baratissimos, ao menos p.[a] mim afeito a compral-os m.[to] caros. O Filippe da Luz, completo, no Porto daria 8$rs.*

*Remetto a V. Ex.[a] a cautela da quantia que devo, e não cessarei de lhe pedir perdão de tantos incommodos, dados a q.[m] tão trabalhosa e util tarefa tem.*

*Cae-me com frio a penna dos dedos gelados. Não imagina o que é o Minho em janeiro, meu am.[o] Deus o livre da bucolica leviand.[e] de sahir de Lx.[a] antes de maio.*

*De V. Ex.[a]*

*am.[o] mais do coração obg.[mo]*

*C. Castello Branco.*

*Meu Ex.^mo^ ami.*

*Apresento-lhe o meu intimo amigo o Dr. Joaq.^m^ Alves Matheus, conego da Sé bracharense e mais que distincto orador.*

*Grande intelligencia e nobilissimo coração. Receba-o V. Ex.^a^ com a sua usual benevolencia. Pertence á nossa infausta irmand.^e^ de bibliomaniacos.*

*Vai á cata de caruncho. Queira V. Ex.^a^ dizer-lhe onde elle ha-de fundir as coroas. Estas victimas hão de forçosamente pedir experiencias da guilhotina a quem por lá costuma ir metter o pescoço.*

*Por elle lhe envia um*

*abraço o de V. Ex.^a^*

*m.^to^ dedicado e grato am.^o^*

*S. Miguel de Seide,*
*13 de Setembro de 1867.*

*Camillo Castello Br.^o^*

*Meu amigo*

*Mandei enviar a V. Ex.^a^ os numeros publicados da* Gazeta Litteraria. *A m.^a^ pou-*

*ca saude não me tem deixado concluir o artigo acêrca do* Diccion. bibliog.

*Tem-me V. Ex.ª animado a importunal-o, e eu tenho sempre tido a insolencia de o ir importunando. Ha m.to que por aqui procuro os volumes 12, 14, e 15 do* Gabinete *do Fr. Claudio* (1) *frustradamente. Se V. Ex.ª acaso os encontrar, rogo-lhe que m'os compre, e bem assim a* Corographia *do Gaspar Barreiros. O vicio vai-me comendo o juizo, e d'aqui a pouco terei de tirar os pergaminhos aos livros para fazer as botas. Deus se compadeça de nós.*

*De V. Ex.ª*

*m.to grato amigo*

*Camillo Castello Branco*

*Porto, 16 de Março de 1868.*



*Meu amigo*

*O meu editor Campos enviou-me, apenas publicado, o 7.º vol.* do Dicc. *que eu esperava com viva curiosidade. Agradeço a V. Ex.ª*

(1) Fr. Claudio da Conceição, auctor do „Gabinete Historico".

*as referencias honrosas que mais de uma vez fez ao meu humilde nome, que se ensoberbece de V. Ex.ª o inscrever no n.º dos seus mais respeitadores e devedores amigos.*

*Brevemente publicarei na* Gazeta Litteraria ([1]) *o meu juizo ácerca da obra. Vai elle na rectaguarda dos mais abalisados. E' o do soldado que mancou e vai no couce da bagagem. E a proposito de* couce. *Tomara eu que V. Ex.ª puzesse de uma vez para sempre o aziar do despreso nos focinhos da récova de cavalgaduras que a um tempo zurram e escouceam. Aquelle Carreira de Merda (perdôe, que é assim que lhe chama o Castilho ao selvagem) arranjou á custa dos dissabores de V. Ex.ª uma tal qual immortalidade.*

*Deve de estar contente o parvoeirão!*

*De V. Ex.ª*

*am.º obg.mo e cr.º*

*Camillo Castello Br.º*

*Porto, 26 de fev.º 68*

([1]) "Gazeta Litteraria do Porto„, semanario, 1 vol in fl. de 154 pags. Não inclue o art.º promettido ácerca de Innocencio. (V. Bibliog. Camilliana de H. Marques).

*S. Miguel de Seide 9 de agosto — 68.*

*Meu presadissimo collega e amigo*

*A* Gazeta *morreu no n.º 16. Estrangulou-a o propriet.º roubando os assignantes, e roubando-me a mim 70$ rs. Não me espantei. E' o 4.º velhaco que me explora. Difficilmente serei logrado por outro.*

*O peor é suspenderem-se os utilissimos trabalhos de V. Ex.ª Seria, porém, um contrasenso que o Diccionario Bibliographico resistisse a este cahos que se está fazendo.*

*Quem pensa hoje em lettras? Isto desceu emfim ao raso lamaçal para onde pendia ha m.to Ao indifferentismo ligou-se a pobresa, e á estupidez o egoismo. Cada homem cura somente de afofar o leito onde hade esperar a morte. Da alma não se lhe dá, nem para enfeital-a com as galas da instrucção p.ª este mundo, nem com os crepes da contricção p.ª o outro. Fez-se isto uma vasta estrebaria onde se escouceam uns aos outros a disputar a maquia da fava. O' meu bom amigo, bestifiquemos-nos. Vamos a olhar para isto seriamente.*

*«Saiba ser burro quem viver não sou-*

*be»* [1] *Eu já comecei. Estou na aldeia. Não trouxe um livro. Fiz-me centauro em harmonia com um cavallo que me faz lembrar com saudades do barão de Catanea.*

*Subo e transmonto serranias. Deito-me á sombra dos carvalhos, e sinto crescer as orelhas. Não diga isto V. Ex.ª, que não venham agarrar-me p.ª ministro. Em outubro tenciono comer bolotas, e em dezembro, burrificado emfim, espero estar vingado.*

*Se alguma coisa ficar do antigo homem será somt.ᵉ a recordação dos raros amigos que lastimo no seu* tormento de Sysiphos [2] *entre os quaes deixo V. Ex.ª e poucos mais dignos de lastima, por terem nascido das cinzas de tantos homens illustres assassinados pela patria com a peçonha lenta da pobresa e o punhal hervado da desconsideração. Acaba-se-me o papel e a paciencia do meu am.º*

*De V. Ex.ª*

*Com m.ᵗᵒ aff.ᵗᵒ*

*Camillo C. Br.ᶜᵒ*

(1) Applicação do conhecido verso bocageano. — «Saiba morrer o que viver não soube».

(2) Plural de Sysipho, personagem da mythologia grega.

*Meu ex.$^{mo}$ e m.$^{to}$ presado amigo.*

*Comprarei a trapalhada toda. E' onde pode chegar o amor da asneira! Deixe-me V. Ex.$^{a}$ prestar este culto á memoria do pobre doudo, que pertenceu á eschola germanica sem o pensar, e foi d'este mundo sem ter feito mal a folego vivo, o que não acontece ao maximo n.$^{o}$ dos seus collegas.*

*Hoje dou ordem ao Campos Junior para entregar á ordem de V. Ex.$^{a}$ os 1920 rs. e receber o pacotinho p.$^{a}$ m'o enviar opportunamt.$^{e}$ Cahe-me a penna das mãos com frïo. O calor concentrou-se todo nos figados d'uns bebados que andam a berrar «liberd.$^{e}$» pelas ruas. Eu cá estou entre os meus livros velhos com vont.$^{e}$ de os queimar p.$^{a}$ me aquecer.*

*De V. Ex.$^{a}$*

*m.$^{to}$ grato am.$^{o}$*

*C. Castello Br.$^{o}$*

*Porto*
*4 do 7.$^{o}$ de 63*

*Meu am.º e Exm.º Sr.*

*Desculpe a impertinencia. Recebeu V. Ex.ª uma carta m.ª incluindo estampilhas, não sei q.tas, para me obsequiar com a compra do Soropita?*

*Já n'outra carta lhe disse que rara semana deixa de se me extraviar alguma carta. Estou sempre receando, bem que no caso sujeito, apenas se perdia o tempo que V. Ex.ª gasta em ler as m.as importunaçoens. Parte o corr.º*

*De V. Ex.ª m.to grato am.º*

*24 de fev.º de 1867.*

*Camillo Cast.º Br.co*



*Meu particular amigo.*

*26 de fev.º 1867.*

*Cá está o Soropita sem avaria.*

*Procurei nas margens alguma observação de V. Exª; mas vejo que não quiz emendar o que por lá encontrou de mão, nem indicar as fontes em que eu poderia achar melhorias para o meu trabalho.*

*Creio que tenho editor... em Braga!*

*Os amigos das lettras velhas estão relegados para o velho Portugal.*

*Brevem.te remetto a V. Ex.a o pouco que tenho que dizer da D. Anna Placido.*

*Agradecido por tantos obsequios*
*á bondade de V. Ex.a de q.m sou*
*tão am.o como devedor*
*obr.mo*

*Camillo C. Branco*



*Meu amigo*

*Remetto a V. Ex.a um vale de 2:200 r.s resto da nossa continha. Muito me obsequiou V. Ex.a nesta remessa de caruncho. Já não leio nem aprecio senão d'isto. Ao que eu cheguei!*

*Isto é prognostico de morte proxima. Renunciei ao tracto com os vivos.*

*Quando V. Ex.a souber que se vendem livros, lembre-se de mim.*

*Os sermoens de Alvares desejo-os e preciso d'elles m.to p.a a m.a historia do pulpito. Não se lembra de ter visto em alg.m alfarrabista o 1.o e 4.o vol.es do* Agiologio *do Car-*

*doso? Tenho os outros, e valia bem a pena completal-os por modico preço.*

*Que insolente abuso de sua bond.^e !*

*De V. Ex.^a m.^to grato am^o*

*(Abril, 1867.)*

*C. C. Br.^o*



*Meu amigo*

*Como sei que V. Ex.^a ama o laconismo, e não responde aos estopadores, restrinjo-me em perguntar-lhe com m.^to empenho se V. Ex.^a pode dizer-me como se chamava um medico hebreu que a inquisição queimou no auto de fé em Lx.^a em 1706.*
*V. Ex.^a, com o seu artigo* Braz Luiz d'Abreu, *no 1.º vol. do Dic. bibl. animou-me a escrever um vol. ácerca do* «Olho de vidro.»

*Mande V. Ex.^a*
*o seu grato am.^o*

*Camillo Cast.^o B.^co*



*Meu amigo*

*Muito reconhecido ás informaçoens de V. Ex.ª. Peço licença para lhe observar ainda que effectivamt.ᵉ foi queimado no auto da fé de Lx.ª em 1706 um medico hebreu, ou estudante de medicina.*

*Queira V. Ex.ª ler o* Sermão do Auto da fé *pregado pelo p.ᵉ F.ᶜᵒ de Sancta Maria no m.ᵐᵒ anno, pag. 36 e 37.*

*Será agora menos custoso a V. Ex.ª descobrir o nome do queimado?*

*De V. Ex.ª grato am.º*

*C. Cast.º Br.º*



*Meu Ex.ᵐᵒ Amigo*

*Dei-lhe treguas de 6 mezes. Agora volto a provar a sua paciencia. Desejo possuir umas coisas extravagantes, que publicou em Lisboa um Fulano Holbeche Leal de Gusmão, que, se bem me lembro, conheci em Rilhafolles e já lá morreu. Se V. Ex.ª tiver occasião e encontrar os opusculos referidos, cujo titulo me esqueceu, faz-me a mercê de os*

*comprar? O 8º vol. do* Diccionario *ainda tem demora? Ja não é curta para a anciedade dos admiradores e discipulos de V. Ex.ª Oxalá que lhe não cance saude nem vontade de continuar.*

*De V. Ex.ª*
*am.º obg.mo e cr.º*

*Camillo Cast.º Br.º*

*Porto*
*26 de Outr.º de 1867.*



*Ex.mo am.º*

*Se apparecerem os tomos 12, 13, 14 e 15 do* Gabinete *a 240 r.s cada um, é boa compra, porque tenho os outros mais caros. E' uma collecção de zarandalhas; ainda assim, tem seu prestimo o frade. Por tudo me considere V. Ex.ª m.to reconhecido.*

*Não se enfade comigo e antes perdõe a este vicio, visto que já sabe o que lhe vai por casa.*

*De V. Ex.ª*
*am.º obr.º*

*Porto, 25 de março*
*de 1868.*

*Camillo Cast.º Brº*

*Meu presado amigo*

*Peço a V. Ex.ª o favor de me dizer se tem noticia de se ter publicado no seculo passado um livro com este titulo: «Compendio da vida e feitos de José Balsamo, chamado o Conde de Cagliostro, ou o Judeu Errante, tirado do processo formado contra elle em Roma no anno de 1790, que pode servir de regra p.ª conhecer a indole da seita dos Francmassoens, traduzido do italiano».*

*Tenho este manuscripto com as paginas rubricadas pelo sêllo do St.º Officio.*

*Se o livro não está impresso, houve tenção de o imprimir. E' autographo, e penso ser do Jose Sanches de Brito, auctor do* «Piolho viajante», *confrontando com os autographos que possuo da ultima obra.*

*Queira V. Ex.ª com a costumada benevolencia esclarecer o*

*de V. Ex.ª*
*am.º obg.º e v.ºr*

*Porto, 12 de*
*Janeiro de 1874.*

*Camillo Cast.º Branco*

III

## A FRANCISCO LOURENÇO DA FONSECA [1]

*Ex.mo Snr.*

*O livro, que V. Ex.a obsequiosamente me enviou é um seguro incentivo para lhe vaticinar formosos tropheos.* [2] *Digo* tropheos, *porque em Portugal escrever é luctar, e pôr um livro na praça é como pendurar um tropheo em salla d'armas. Receba V. Ex.a*

[1] Antigo medico oculista, o primeiro que houve em Portugal. Fundou a clinica da sua especialidade em 1879. Era da Academia Real das Sciencias, Instituto etc. Magoado com a preferencia dada ao Prof. Gama Pinto para o logar de clinico do *Instituto ophthalmologico,* resolveu ir para o Brazil, embarcando em dezembro de 1892. Auctor de varias obras em prosa e verso, e designadamente dos livros: – *Rêveries, Lux, Sangue, Un printemps e Ultimos cantares*, em que foi collaboradora sua mulher, a S.a D. Maria Gabriella da Fonseca. Escreveu ainda os livros: – *Atravez do Deserto, Goivos d'Aldeia, Annita* etc.

A' gentileza da S.a D. Gabriella da Fonseca devo as cartas d'esta serie.

[2] Refere-se ao volume *Goivos d'Aldeia.*

*os emboras d'um camarada que principia a suspirar por um asylo de veteranos mutilados, onde vá recordar as innocentes alegrias com que ha vinte annos a gloria de escrever o compensava das tristezas e desalentos que o mundo não via nos livros. Entretanto peço a V. Ex.ª que trabalhe sem esmorecimento. Quando envelhecer, sentirá satisfação em dizer: «trabalhei».*

*As almas creio eu que foram condemnadas a suar lagrimas, como os corpos, segundo a condemnação do Genesis. N'esta saudavel transpiração depura-se m.to vicio, muita acrimonia de amarguras intimas, e o que mais é, m.to sarcasmo com que a gente se desentupe e vinga.*

*Disponha da sincera estima e admiração do*

*De V. Ex.ª collega e v.dor att.to*

*Camillo Castello Branco.*

*V.ª do Conde*
*9 de dez. de 1870*

*Ex.^mo^ Snr.*

*Agradeço-lhe a honrosa collocação que se dignou dar ao meu nome no seu livro. A minha saude, ou, mais exactamente, a minha enfermidade não me consente a satisfação de ler o livro de V. Ex.ª Logo, porem, que o espirito possa dominar as dores physicas, lerei com o proposito de lhe dar o meu parecer, com a melhor vontade de ser tão exacto quanto heide ser sincero.*

*De V. Ex.ª collega e amigo*

*C. Castello Branco*

*Porto 8 de dez.*
*1873.*

---

Uma carta de D. Anna Placido:

*Ex.^mo^ Sr. e meu presado amigo.*

*Camillo está impertinente, muito atribulado e pede a V. Ex.ª para vir dar-lhe uma palavra d'alento.*

*Eu sei quanta bondade e quanta paciencia se abrigam na sua grande alma; consinta-me pois que o associe á minha santa*

*e dolorosa missão. Faça V. Ex.ª tudo quanto puder para reanimar este grande desgraçado e permitta Deus que a parte por V. Ex.ª tomada lhe seja mais proficua que os meus inuteis cuidados e extremos.*

*Com a mais alta sympathia e consideração:*

*de V. Ex.ª serva, am.ª e obrig.ma*

*Anna Augusta Placido.* (1)

---

*Ex.mo Sr.*

*Peço licença para ser importuno na proporção das minhas enormes angustias. Depois da applicação do iodo a turbação dos meus olhos é tão densa que chego a considerar-me cego. Se V. Ex.ª vir que este queixume não merece attenção dê á noticia a importancia que ella merece.*

*Visconde de Correa Botelho* (2)

(1) Publica-se a presente carta pois que ella instrue o abatimento de Camillo em frente do seu episodio mais doloroso — a cegueira. E, alem de tudo, mostra até que ponto o Romancista poude revelar á alma sensivel e amoravel de A. Placido as agonias e sobresaltos que concorreram ao drama final da sua vida.

(2) Bilhete escripto por D. Anna Placido em nome de Camillo.

*Ex.^mo Sr. e meu presad.^mo amigo*

*Agradeço os cuidados de V. Ex.^a O dia tem-me corrido cruel pela falta d'ar, espasmo da glotte e dores na cintura. Quanto a olhos, cada vez peor. Consola-me a esperança de o ouvir amanhan. Minha mulher retribue m.^to agradecida e delicadeza de V. Ex.^a,*

*de quem sou o obg.^mo*

*Camillo* (1)

---

*Ex.^mo Sr.*

*Hoje de tarde perdi completamente a vista do olho direito, mas não perdi a esperança de lhe annunciar amanhã a perda do olho esquerdo. Agradecendo a delicadeza de V. Ex.^a peço licença para me subscrever de V. Ex.^a amigo inutil mas muito agradecido*

*Camillo Castello Branco* (2)

(1) Como o bilhete anterior, é tambem escripto por D. Anna Placido e não está datado.

(2) Carta escripta em nome de Camillo por D. A. Placido e entregue por um proprio.

IV

## A GUILHERMINO DE BARROS [1]

*Meu amigo e Ex.mo Sr.*

*Antonio Correia de Freitas é um escriptor portuense empregado publico dos mais necessitados e tem sete filhos.*

*O mais velho Antonio Correia de Freitas Silva Carvalho vai a concurso de praticante no correio do Porto. Se V. Ex.a puder favorecel-o, favorece-me a mim, que tenho grande compaixão de quem num tempo tão*

(1) Poeta e romancista contemporaneo. A. da novella historica – *Castello de Monsato* e de poesias dispersas no *Christianismo* (revista catholica dirigida por Camillo), e em outras publicações.

O Romancista refere-se-lhe na *Bohemia do Espirito.* As presentes cartas são as ultimas da collecção Guilhermino de Barros, que em parte demos e annotamos na revista "A Aguia", 1.a serie n.os 11.o e seguintes. Veja-se tambem a collecção da 1.a serie da "A Aguia", (Director Alvaro Pinto).

*difficil para os pobres honestos, como este vai, se vê com o coração cheio de sete filhos.*

*Abraça-o o de V. Ex.ª*
*velho amigo ag.º*

*Camillo Castello Branco*

*S. M. Seide*
*por Famalicão*
*18-1-1879*

---

*Meu presado amigo:*

*O Sá de Miranda, o do correio de Fam.am appareceu-me lamentosamente participando-me que ia ser despedido sem ter praticado erro de officio.*

*O homem, a meu ver, queria talvez dizer, que havia uma lei que o despedia, e contra a qual não pode oppor-se o meu amigo. Se é esta a hypothese nada tenho que pedir, e elle nada tem que esperar.*

Dura lex. *Verei se posso satisfazel-o com o latim.*

*Do seu velho e affectuoso am.º e venerador*

*Camillo Castello B.co*

*S. C. 28 de julho*
*de 1883.*

## V

## A. D. MARIA JOSÉ FURTADO DE MENDONÇA [1]

*Ill.ma e Ex.ma Senhora*

*Não me inveje V. Ex.a esses ephémeros claroens que ás vezes relampejam das minhas trevas; podem ser brilhantes espectaculos ao longe, mas, de perto, têm o pavor dos incendios. Inveje V. Ex.a as pessoas de vida obscura, socegada e amesendada na suavissima poltrona da estupidez. Tambem lhe assevero, minha excellente senhora, que as suas oraçoens pela minha saude não têm*

(1) Auctora do *Auto da vida de S. Sebastião* (prosa); *Senhora da Piedade* (verso); *Flores de Inverno* (verso).

Deixou em manuscripto: — *O Natal* (oratoria, verso); *Resurreição* (drama), *S. Sebastião* (drama) e outros volumes de versos. Nasceu em 22 de Fevereiro de 1826 na freguezia da Rapa, concelho de Celorico da Beira.

Descendente de uma antiga e illustre familia, nasceu pobre, o que impediu que lhe fosse dada a cultura que a

*echo nos divinos ouvidos. Seria bom, portanto, que V. Ex.ª se dispensasse dessa generosissima dedicação. Eu padeço ha vinte seis annos, excepto nas raras horas em que consigo dormir fatigado da lucta. Isto me faz suppor que entre a dôr humana* (sic) *e o arbitrio divino não ha ponto algum de relação;—e bom é que assim seja em honra de Deus.*

*A carta de V. Ex.ª deixa-me muito agradecido. Ha n'ella uma santa poesia, que me faz retroceder á nossa infancia. Vejo duas creanças articulando ao mesmo tempo as primeiras balbuciaçoens. Depois, vejo a aurora do intendimento a radiar simultaneamente para ellas as mesmas alegrias. Depois, vejo V. Ex.ª, senhora, esposa, mãe, afagada por todas as caricias da vida serena e immaculada, no resguardo da vida aldean; e vejo-me a mim, a braços com o gigante do mundo, vestido das armas*

sua intelligencia e vontade requeriam. Teve uma vida longa, collaborando em muitos jornaes e revistas do tempo.

" Possuidora d'uma extraordinaria memoria, diz um nosso informador que ainda aos 80 annos se orgulhava de poder recitar capitulos inteiros, passos, etc. de mais de duzentos livros."

Falleceu na sua aldeia no dia 15 de Junho de 1910.

Ao Prof. José Leite de Vasconcellos devo a copia das cartas e informações d'esta secção.

*que têm sobre a côr metalica dos venenos o lôdo das paixoens em que elle se espoja para se ungir para a lucta.*

*Hoje, ao decahir da vida, faz-me V. Ex.ª a honra de me fazer conhecido o seu nome, e com a ufanía de mãe extremosa se gloria de me dar ensejo a que eu possa pôr aos pés de suas excellentissimos filhas os meus cumprimentos e beije a mão de V. Ex.ª com muito reconhecido e profundo respeito.*

*Satisfarei o desejo obsequiador de V. Ex.ª enviando-lhe o meu retrato, logo que vá ao Porto. Não tenho algum que se pareça com estas ruinas que ainda conservam o nome de*

*Camillo Castello Branco*

*Q.ta de Seide—Julho 21-1884.*

*Ill.ma e Ex.ma Senhora*

*do meu maior respeito*

*Effectivamente toquei a extrema de uma edade prodigiosa para mim que ha mais de 25 annos me considero sempre moribundo.*

*Cheguei aos 60 annos espantado de como se pode vir tão longe com tamanha carga de amargura, deixando a alma espedaçada por esses silveiraes da longa estrada.*

*Muito forte é o homem, minha Senhora, e muito custa acabar. E' quasi certo que V. Ex.ª em 16 de março de 1886 não poderá repetir a primorosa delicadeza d'esta sua carta; mas é para mim certissimo que n'esse dia o meu espirito passará em frente da sua alma; e então V. Ex.ª me saudará em uma situação mais feliz que a de hoje— a impassibilidade da podridão.*

*Digne-se V. Ex.ª depôr aos pés de suas filhas e minhas senhoras a consideração respeitosa e grata com que me subscrevo*

*De V. Ex.ª*

*affectuoso e servo obg.mo*

*Quinta de S. Miguel*
*de Seide, 15-3-85.*

*Camillo Castello Branco*

---

*Ill.ma e Ex.ma Senhora*

*Parece-me que não me enganei quando prophetisava a minha passagem para outro planeta antes de 1886.*

*Creio que actualmente finjo que vivo,*

*e consigo enganar tanta gente que até V. Ex.ª é enganada, felicitando-me como se eu vivesse.*

*Ha muito, minha Senhora, que eu me considero morto para a vida que tal nome merece. Desde que essa ficou sepultada com o coração, o restante não passa de um vegetal carcomido que se conserva em pé como os troncos seculares das arvores que já não enfolham na primavera.*

*Vivo ou morto, muito grato a V. Ex.ª e a suas Ex.mas Filhas.*

*Hei-de enviar a V. Ex.ª um retrato determinadamente tirado para esse fim. Entretanto, vejo aqui em um papel uma copia que me parece fiel. Ahi tem V. Ex.ª essas ruinas de 60 annos.*

*De V. Ex.ª cr.º respeitador*

*Camillo Castello Branco*

## VI

## AO VISCONDE DE OUGUELLA [1]

*Meu Carlos*

*Sei que nunca te esqueces dos meus immensos infortunios.*

*Principio a desconfiar que meu filho me está communicando a demencia. Tenho intervallos negros em a que vida me pára, e não me sinto na consciencia d'ella.*

*O estado do Jorge não offerece alguma esperança. Faz-me duplicada compaixão quando me pergunta se está doudo. Tem*

(1) Carlos Ramiro Coutinho, politico, escriptor e orador distincto. Esteve prêso sob a accusação de conspirar contra a dinastia.

Collaborou nas *Noites da Insomnia* de Camillo, inserindo alli *Os Salões*. Foi intimo do Romancista que em 1873 sahiu a discutil-o, escrevendo n'um *Perfil biographico* o seu elogio e defesa.

Foi agraciado com o titulo de Visconde de Ouguella por D. Luiz, sob proposta do Duque de Loulé. Morreu em 1897.

*querido sahir commigo. Já o levei ao Porto; mas a contemplação do publico aterrava-o e pungia-me. Parece-me que o levarei para Traz-os-Montes, a ver se a mãe descança. Ella é incessantemente alanceada pelos disparates do pobre rapaz, e tem a boa fé de suppôr que o corrige com argumentos. Predomina nos seus delirios a idéa de escrever um livro, e tem a convicção de que é um talento para tudo. Era-o de certo em musica e pintura. Desde que enlouqueceu odiou o piano, e na flauta denota o estado d'aquella alma. Não imaginas a negrura d'esta casa.*

*O Nuno está em Braga a pretexto de ensinar um cavallo. Eu, fingindo que o acredito, deixo-o estar para o não fazer participante das angustias da familia. Faze os meus respeitos a suas Excell.as e muitos affectos ao teu R.*

*8-7-80.*

*Teu do C.*

*C. Castello B.*

## VII

## A RICARDO JORGE [1]

*Meu presado am.º*

*Anna P. continua a passar menos opprimida; e, como inimiga da pharmacia e refractaria a discursos pharmacologicos, não ingere nas visceras coisa que não seja*

[1] Medico, professor e escriptor distincto. O seu ultimo trabalho *El Greco,* (nova contribuição biographica, critica e medica ao estudo do pintor Domenico Theoticópuli) é uma obra notavel de investigação e critica.

Era intimo de Camillo, que se lhe refere nos *Serões de S. Miguel de Seide* e em outras obras. O grande Romancista confiou-se devotadamente á sciencia do illustre medico, de quem esperava o milagre da cura. (Vid. cartas a M.el Negrão). As presentes cartas, que nos foram confiadas pelo prof. Ricardo Jorge, são já de duvida e de desalento.

Na correspondencia com D. Anna Placida (vid. cartas publicadas no *Leme,* quinzenario de S. Miguel de Seide) allude ao seu estado e a Ricardo Jorge. Na II carta d'esta secção já fala desesperadamente do suicidio como de um ultimo remedio...

*feijões, bacalhau e algum vinho de enforcado. Quanto a fumo, é uma fabrica de Manchester.*

*Eu passo as noites acerbamente. De remedios apenas tomo o licor de Fooler. O outro não posso tomal-o sem repugnancia e incommodo, desde que duas vezes me provocou os espasmos. Alem de que, tenho-me abstido por V. Ex.ª me haver dito que o suspendesse em q.to as dejecçoens não se regularisassem. Quanto ao appendice da insigne Rattazi, mal. Não se abre com a camphora nem com injecções. Não leio nem escrevo. Nunca senti a cabeça tão digna d'um alto destino em Portugal.*

*Li o art.º do Barradas em que me chama o Victor Cousin—o chefe do* ecletismo *portuguez. Palavra de honra, meu amigo, diabos me levem se eu sabia que era aquillo! Um destes dias um jornal de Barcellos chamou-me o* Henry Heine, *outro d'ahi até me chamou* Gerson *e* Quevêdo: *não sei o que dizem Lamego e Trancoso sobre o ponto.*

*O que eu queria não era parecer-me em funcçoens encephalicas com alguem; se eu arranjasse forças nas pernas que me levantassem á cathegoria d'alguns andarilhos celebres, isso é que eu desejara, meu bom Ricardo Jorge; porque não dou meia duzia*

*de passos. As nevralgias não me têm affligido ha 4 dias, mas forças nas pernas parece que as sinto irem-se cada vez mais. Queria dizer-lhe m.[tas] coisas; mas não posso. A enorme zoada entontece-me, e ólho com pena e saud.[e] p.[a] as tiras começadas a respt.[o] do seu livro.*

*Muitos affectos de A. Placido.*

*De V. Ex.ª*

*am.º obg.º*

*4.ª feira*

*C. Castello Branco.*

---

*Meu bom amigo*

*Cheguei ha momentos e encontrei a sua cartinha. Durante a jornada senti condensar-se o nevoeiro, e p.[r] vezes evitei a acção da luz que principia a affligir-me. Alem d'isso, os espasmos, tendo eu jantado quasi nada. Descobri que a agua fria antes de cahir no estomago me faz na garganta uma constricção mais incommoda q. os arrotos — uma especie de asfixia. Ha pouco, experimentei a agua chalada, e deu o mesmo resultado. Vejo-me obrigado a excluir os liquidos. Está bonito este envolucro de alma.*

*Escrevo-lhe no seu papel* (1). *Não poderei continuar, p.r que levanta muito pêllo. Como papel de escripta pode correr parelhas, no pêllo, com um escriptor juvenil que lavra tiras para a immortalidade.*

*Duas palavras m.to serias. Eu, contra a opinião ostensiva de V. Ex.a, suspeito que esta tortura dos olhos vai a galope para um desenlace funesto. Quando eu deixar de lhe escrever, intenda V. Ex.a que todas as esperanças se perderam, e que nenhum atilho me resta q. me prenda á vida. Teria então um supremo e ultimo favor a pedir-lhe; mas não pedirei porque acharia a sua pied.e onde eu queria encontrar um conselho sobre o processo mais facil de me eliminar.*

*Doem-me os olhos profundamente.*

*De V. Ex.a*

*Obr.mo am.o*

*C. Castello Branco.*

*Dom.c 10 da noute.*

(1) Refere-se a um papel amarello que o prof. Ricardo Jorge lhe havia enviado a conselho d'um medico oculista.

## VIII

## A JOÃO CAETANO DA SILVA CAMPOS [1]

*Ill.mo e Ex.mo Sr.*

*Li, logo que o recebi, o romancinho que V. Ex.a fez o favor de me enviar. Depois adoeci; mas não me esqueceram as agradaveis impressoens que me deixou o seu livro.*

*Annuncia-se em V. Ex.a um bom escriptor, que importa mais que ser um bom romancista. Não o saudo por isso; mas congratulo-me de lhe apertar a mão á entrada d'este circulo dantesco onde não entra a esperança da Fortuna.*

[1] Auctor das *Noites de Viana* (2 vol) e d'um folheto (poesia) – *A Hespanha vencida,* 1899. O I.º vol das *Noites de Viana* (1877) insere o conto – *O segredo do lavrador* e uma explicação previa - *A quem ler.* O II.º vol. insere o romancinho *O assassino* e é dedicado a Camillo.

Devemos as copias e auctorização de publicação d'estas cartas ao Prof. José Leite de Vosconcellos.

*Disponha da inutilidade do de V. Ex.ª admirador affectivo e cr.º obg.mo*

*Seide. 14-4-77.*

*Camillo Castello Branco.*

---

*Ill.mo e Ex.mo Sr.*

*Recolhi hontem da* Casa de saude *de Braga, e encontrei a carta obsequiadora de V. Ex.cia com o livro em que vejo o meu nome tão revelantemente nobilitado.*

*Li hoje estas formosas paginas, e notei o progresso que vai do primeiro ao segundo romance. A descripção da montaria é admiravel de verdade e de expressão sempre propria e sobria.*

*Se V. Ex.ª me dá licença, ouso fazer-lhe uma reflexão. O seu estylo carece de ser uniformizado, com um pequeno esforço. Por vezes resaltam phrazes de um puro classicismo, e a volta d'ellas abundam construcções segundo as formulas de Flaubert, de Bento Moreno, Eça de Queiroz, e dos outros que se chamam—ainda não atinei porque—*os

realistas. *Quero fallar dos substantivos ladeados de adjectivos.*

*Isto que me parece mais anglicismo que francezia não é nosso; e, sobre tudo não se amalgama bem com as locuçoens severamente portuguezas que V. Ex.ª tão a miudo e felizmente usa. Se V. Ex.ª quer filiar-se na escola do Fr.co Txr.ª de Queiroz (Bento Moreno), seja sempre egual e conseguirá ser sempre brilhante. Eu não reprovo, e até por vezes me deixo seduzir por aquellas novidades. Mas o que V. Ex.ª não pode é ser eclectico intermettendo dicções seiscentistas no meio d'esta bella desordem do epitheto e da grammatica.*

*Releve-me isto; pois que desde que V. Ex.cia me honrou com a dedicatoria do seu livro, me considero obrigado a zelar e esperar a completa florescencia do seu talento.*

*C. de V. Ex.cia, S. Miguel de Seide, 3 de Junho 77.*

*De V. Ex.cia affectivo adm.or e cr.o obgd.mo*

*Camillo Castello Branco.*

---

## IX

## AO VISCONDE DE MELICIO

*Meu presado amigo*

*Recebi hoje 19 a sua de 14!*

*Hei-de responder com algum vagar. As nevralgias, que me não deixam dormir ha trez noites, nem me deixam escrever, nem ver.*

*A respeito do titulo sei apenas o que V. Ex.a escreveu na sua amavel local.*

*Como não solicitei a graça estranho-a d'El-Rei.* (1)

*Conversaremos.*

*De V. Ex.a*

*m.to grato am.o e collega adm.or*

*C. Castello Branco.*

(1) Refere-se ao titulo de Visconde de Corrêa Botelho com que foi agraciado.

X

## A URBINO DE FREITAS [1]

*Meu Amigo*

*Ainda tenho na minha alma despedaçada lagrimas para o seu enorme infortunio. Ao sahir d'este horrendissimo mundo deixo-lhe duas palavras — coragem e esperança.*

*Que a justiça humana receba da justiça divina um raio de luz que chegue ao seu abysmo. Adeus, meu desgraçado amigo.*

*Visconde de Correia Botelho.*

(1) Antigo professor da Escola Medica do Porto. Accusado do crime de envenenamento foi condemnado a penitenciaria e degredo que cumpriu.

Devemos a presente carta ao nosso obsequiador amigo Ferreira de Lima que a obteve do Dr. Motta Veiga.

## XI

## A ANNIBAL FERNANDES THOMAZ (1)

*Ex.^mo^ Snr.*

*Queira desculpar a falta de lhe não ter remettido os livros pedidos.*

*Por motivo de enfermidade não pude ir buscar os* Adagios *que não pertenciam aos meus duplicados.*

*Já não encontrei a* Vida de D. Paulo

(1) Bibliographo, natural da Figueira da Foz, onde morreu ha poucos annos.

Deixou uma livraria notavel, sobretudo na parte relativa á Historia dos Judeus, que infelizmente o Estado não soube adquirir e que logo após a sua morte foi barateada e dispersa em leilão.

Devemos a copia d'esta carta ao seu parente e continuador Pedro Fernandes Thomaz.

Da *Limia*, revista mensal de Viana do Castello, n.º 6.º I serie, (art.º de José de Azambuja) recortamos ainda a immediata nota referente a Fernandes Thomaz.

"Entre as obras litterarias que deixou avultam as seguintes:

de Lima — *todavia como este livro é vulgar, poderei obter-lh'o com alguma facilidade.*

*Hoje remetto a V. Ex.ª alem do citado livro as* Memorias *de Padilha, e a* Voz do Propheta *de A. Herculano. Este ultimo opusculo é que está sendo extremamente raro.*

*Tomo a liberdade de lhe enviar tam-*

---

*Cartas Bibliographicas.* Coimbra 1876-1877 — Tiragem de 100 exemplares numerados.

*Manuel Fernandes Thomaz* (iniciador da revolução portugueza de 1820). Notas bibliographicas e iconographicas. Figueira-da-Foz, 1899 44 pag. 1 err.

*Os ex-libris portuguezes.* Alguns subsidios para o seu catalogo. Figueira-da-Foz 1902, 8 pag.

*Ex-libris ornamentaes portuguezes.*

*O falso ex-libris de D. Catharina de Bragança rainha de Inglaterra.* Resposta ao redactor do "*Archivo de ex-libris portuguezes*". Figueira-da-Foz, 1904. 14 pag.

*Um Sacripanta esfarrapado. Correctivo suave das aleivosias e insolencias do consul Joaquim da illustre prosapia dos Araujos carinhosamente applicado por Annibal Fernandes Thomaz.* Figueira-da-Foz, 1905 14 pag. Opúsculo de resposta à *Gralha despavonada* em que Joaquim de Araujo o offendia.

Dirigiu durante 10 anos o *Jornal de Louzã,* fundado em 1883; fôra também o fundador do *Boletim de Bibliographia Portugueza.* Vol. I 1879 212 pag. Publicou-se um Vol. II 1880 304 pag., com o titulo de *Boletim de Bibliographia Portugueza e Revista dos Archivos Nacionaes,* redigida de collaboração com Graça Barreto; e a *Revista Litterária,* supplemento à *Gazeta da Figueira.* Saíram 4 numeros, com 144 pag., sendo o 1.º numero de Julho de 1904.

Collaborou no *Campeão das Provincias,* na *Gazeta da*

*bem um cento de Sermoens manuscriptos que o Sr. Antonio Vicente mandou ir para alguem.*

*O proprietario me disse ha dias que só vendia juntos os 500 que tem; mas reconsiderou e mandou-me os 100 que remetto. Hontem escrevi ao Sr. A. Vicente no sentido*

*Figueira,* nas *Novidades,* no *Portugal Artistico,* no *Instituto,* no *Conimbricense,* etc.

Escreveu de collaboração com Marques Gomes: *O Prior do Crato em Aveiro.*

Deu muitas indicações para o livro *D. Antonio* de A. de Faria e preparava ultimamente um trabalho bibliographico sobre a guerra peninsular.

Annibal Fernandes Thomaz desenterrou da poeira e do ignorado dos archivos várias obras e trechos da melhor litteratura, editando-os por sua conta, dando portanto assim a público jóias estimáveis da lingua portugueza que jaziam completamente ignoradas. Outras vezes eram cartas, dados históricos que elle salvava do olvido, editando-os em pequenos volumes annotados que tão uteis são aos que se dedicam às lettras.

Entre taes edições lembramo-nos de ter visto as seguintes:

*Carta enviada pelo Dr. Jeronymo Montaro de Nuremberg a El-rei de Portugal D. João, acêrca dos descobrimentos portuguezes, traduzida do latim por Fr. Alvaro da Torre, monge dominicano e impressa por um bibliographo.* Coimbra, 1878 – 12 pag.

*Tricentenario de Camões,* 1580 – 1880.

*Ignês de Castro. Iconographia, Historia, Litteratura.* Lisboa. Tiragem 156 exemplares.

*Theodorus Johannes Kerkloven.* Uma traducção holandeza

*da primeira resolução. Queira dar-lhe explicações d'isto. Se V. Ex.ª quizer ter a bondade de receber o importe dos sermoens que é 8$000, pode remetter-m'os em cautella do corr.º, com a importancia dos seus livros que é 4$600 rs.*

*Agradeço o favor do seu livro que penso*

de Camões. Pôrto, 1890, 8 pag. 1 retrato de Inês de Castro, tiragem de 52 esemplares.

*Luiz Antonio Soveral Tavares. Elegia á deplorada morte do grande immortal regenerador da Patria Manuel Fernandes Thomaz.* Figueira-da-Foz, 1902, 2 pag., tiragem de 50 exemplares.

*Guilhermino de Barros, Fernandes Thomaz, A Aurora 1820.* Figueira, 1904, 8 pag., tiragem de 50 exemplares.

*Manuel Pinheiro Chagas. O Monge do Bussaco (Episodio da Invasão Franceza)* Figueira, 1909, 54 pag., tiragem de 70 exemplares.

*O Genio de Wellington ou a Batalha do Bussaco.* Drama allegórico por Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

*Lysia Victoriosa*, poema por José Joaquim de Figueiredo Saraiva (excertos). Inéditos publicados por A. F. T. Lisboa, 1910, 40 pag. 1 add. Tiragem de 60 exemplares.

Duas foram as devisas dos seus *ex-libris: Nobilitas mea nomen* e *Assidue et alacriter.*

Orgulhava-se de possuir uma das mais ricas e selectas livrarias da Peninsula. Nas suas collecções distinguiam-se como valiosissimas a *Garrettiana, Camoneana, Antoniana,* a da *Guerra Peninsular,* a *Judaica,* etc.

É também muito curiosa e rica a collecção de *ex-libris* portuguezes e a de estrangeiros domiciliados em Portugal. As suas collecções iconográphicas são as mais completas e

*ser m.*[to] *estimavel, e sel-o-hia pela procedencia, ainda que virtualmente lhe escasseasse o merito bibliographico. Vejo que estamos gafados da ms.*[ma] *molestia. Deus nos dê juizo e paciencia para aturar tamanhos estafadores.*

*De V. Ex.*[a]
*Ven.*[dor] *Cr.*[o] *Obgd.*[mo]

*Camillo Castello Branco*

*P. S. Apparece aqui um exemplar do* Primor e honra da Vida soldadesca no estado da India, *sem pagina de rosto, perfeito no restante, por 3$000 rs., como sabe o livro é rarissimo.*

*Eu pude obtêl-o ha 5 annos por 4$000 rs. O bom do Innocencio reputa-o em 1$200!*

*Porto 20 de*
*Maio de 1868*

curiosas que existem no paíz, sendo a de retratos talvez única pela quantidade e variedade.

Era sócio do INSTITUTO de Coimbra, da ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS E ARCHEÓLOGOS PORTUGUEZES e fôra um dos fundadores da SOCIEDADE DE BIBLIOPHILOS BARBOSA MACHADO, membro honorário do CONSELHO HERÁLDICO DE FRANÇA, da SOCIEDADE LITTERÁRIA ALMEIDA GARRETT, etc.

Annibal Fernandes Tomaz usou por vezes do pseudónimo AMILCAR».

## XII

## A FRANCISCO DE CASTRO MONTEIRO

*Ex.^mo Snr.*

*Lerei com muita satisfação os capitulos do seu trabalho. Não se persuada todavia V. Ex.ª que a minha opinião lhe descerre as difficeis portas dos editores. O editor portuguez, por via de regra, tem uma cousa a que elle chama o seu* faro, *e que o dispensa de conselhos de auctoridades.*

*Entretanto ás ordens de V. Ex.ª*

*De quem sou*

*ad.^or e c.^do ob^mo* (1)

*Camillo Castello Branco.*

(1) Devemos ainda ao distincto bibliophilo Pedro Fernandes Thomaz o offerecimento d'esta e carta seguinte.

*Ex.$^{mo}$ Snr.*

*A honra de uma visita de V. Ex.$^{a}$ ser-me-ia muito agradavel, se eu pudésse attendel-o no fim que a promove. Estou de cama ha muito tempo soffrendo injecções subcutaneas de morfina para adormentar as nevralgias que me atormentam. Não posso ler. Logo que possa ter o prazer de o receber, avisarei.*

*De V. Ex.$^{a}$*

*cr.$^{do}$ obr.$^{do}$*

*C. Castello Branco.*

## XIII

## A EUGENIO DE CASTRO (1)

*Ex.mo Sr. Eugenio de Castro*

*Será uma obra de arte formosissima o seu poema, a julgar pelo fragmento que V. Ex.a generosamente me dedicou. Terei m.to prazer em inutilizar duas paginas do seu livrinho com a franca apreciação que me suggerir o poema completo. Com quanto o assumpto seja colhido em um dos mythos religiosos que pesam sobre a ignorancia vaidosa do genero humano — que não se dispensa de acreditar que os deuses descem a intender nos negocios da gente — persuado-me que V. Ex.a extrahirá da donosa ideali-*

(1) Um dos mais notaveis poetas contemporaneos. Auctor dos *Oaristos, Belkiss, Sagramor, Salomé e outros Poemas, O Rei Galaoor, Constança, Annel de Polycrates,* etc.

No livro *Vida Litteraria* e *Politica* falamos espaçadamente do artista e da sua obra.

*dade do Homem-Deus as bellezas estheticas que a incredulid.ᵉ de Renan lhe não pôde, nem quiz, desfalcar* (²). *Sou*

*de V. Ex.ª*

*admirador agradecido*

*C. de V. Ex.ª 6/4/84.*

*Camillo Castello Br.ᶜᵒ*

---

*Ex.ᵐᵒ Sr.*

*Eu não posso chorar; mas a avó da creancinha, a quem a physiologia concede esse desafôgo, chorou muito, lendo e relendo o seu commovente poema.*

*Eu lh'o agradeço por ella e por mim.*

*A m.ª vida era já tão pouca que cabia nas pequeninas mãos da creança q.* Deus *levou p.ª me convencer de que tem força e faz o que quer com a sua divina vontade. Parece-me que os innocentes pequenos, mortos, antes de terem a consciencia da vida,*

(²) As cartas I.ª III.ª IV.ª V.ª e VI.ª d'esta serie referem-se ao poemeto publicado em 1885 com o titulo — ***Jesus de Nazareth.***

*têm feito mais atheus que os philosophos naturalistas...*

*Registo os protestos da m.ª obrigação e admiração pelos talentos e bond.ᵉˢ de V. Ex.ª*

*Camillo Castello Branco*

*S. Miguel de Seide 7.ᵇʳᵒ de 1884.*

---

*Ex.ᵐᵒ Sr. Eugenio de Castro*

*Pode V. Ex.ª publicar o meu agradecimento ao seu formoso soneto.*

*Envie-me V. Ex.ª quando queira a sua «Epopeia do Calvario». Encontrar-me-ha doente, por que não espero tão cedo restaurar-me; mas, logo que eu possa, escreverei o prefacio que deseja.*

*De V. Ex.ª*
*cre.º aff.º obg.ᵐᵒ*
*Camillo Castello Br.*

---

*Ex.ᵐᵒ Snr. Eugenio de Castro*

*Li o seu poema, que devolvo. Todos os versos me pareceram remodelados pela clave idealista e etherea que raro deixa de subti-*

*lisar os talentos exuberantes promessas como de V. Ex.ª Essas musicas, um tanto mysticas, espiram a suavidade que nos commove e enleva quando, ao despertar de um bom dormir reparador, ouvimos ao longe a ressonancia de um* Nocturno *de Schopin.*

*Comprehendo essa emocional e ascetica modalid.ᵉ da sua alma juvenil; mas não posso admiral-a nem applaudil-a, a esta hora m.ᵗᵒ adiantada das illusoens perdidas.*

*Na minha idade, encrostada das liçoens duras de longa experiencia sob o peso asperrimo da vida, e por isso impenetravel á piedade das lyras e dos pulpitos, os casos orthodoxos que V. Ex.ª conta são para mim petrificaçoens mysticas de nenhum valor, como documentos humanos, nem, sequer, suggestivamente piedosos p.ª os espiritos emancipados que hão de ler o seu livrinho infantil. Creio bem que V. Ex.ª seja mais poeta convencionalista, n'esta obra de pura arte do que um pietista que faz a sua profissão de fé em deliciosas rimas.*

*Seja o que fôr, como decerto lhe não convem que eu desdobre semelhante theoria bastante hostil á esthetica da sua obra, e como eu tambem não posso sacrificar a disfarces os meus prejuisos litterarios ou precon-irreligiosos, peço a V. Ex.ª me dispense de prefaciar o seu livro, attendendo á m.ª critica*

*incompetencia que se confessa de todo cega p.ª alem das fronteiras da realidade.*

*S. Miguel de Seide*
*9/11/84.*

*De V. Ex.ª*

*att.$^{to}$ v.$^{or}$ e cr.º obg.$^{mo}$*

*Camillo Castello Branco*

---

*Ex.$^{mo}$ S.$^{r}$*

*Uma reflexão. Quando V. Ex.ª me quiz dar a honra de prefaciar os seus opusculos não me pediu um elogio incondicional ao poema; — decerto me concedeu a liberd.$^{e}$ da opinião. Da m.ª carta hontem remettida terá V. Ex.ª deprehendido que eu lhe admirei os versos — a plastica, e não sympathisei com a idéa. Parece-me, pois, que V. Ex.ª publicando a carta, e mesmo contraditando-a, não prejudicará o exito do poema. Quando a carta venha a ser impressa, queira V. Ex.ª emendar p.ª* Chopin *o nome q. foi incorrectamente escripto* Schopin. *Assim o vi escripto em allemão; mas provavelmente germanisaram-lhe o nome para o fazerem seu,*

*visto que o famoso maestro era de origem polaca. Creio que deve ser como os francezes escrevem* — Chopin.

*De V. Ex.ª*

*v.ºr obg.mo*

*3.ª f.ª*

*C. Castello B.co*

---

*Ex.mo S.r Eugenio de Castro.*

*A minha opinião sobre o motivo do seu poema não faz implicancia ao m.to reconhecimento a que me obriga a dedicatoria. Como, posta de parte a esthetica, me fica muito que admirar na forma, eu teria m.to que me envaidecer da dedicatoria, recebendo-a como exemplar de bons versos exprimindo altos pensamentos restrictos á poesia das Religioens. Comprehendendo, pois, a delicadeza da sua reflexão, terei sempre de subscrever-me*

*De V. Ex.ª*

*adm.or agradecido*

*Camillo Castello Br.co*

*Ex.[mo] S.[r] Eugenio de Castro*

*C. de V. Ex.[a] 29/12/85*

*Logo que não agradeci immediatam.[te] a remessa dos livros tão obsequiadores, devia V. Ex.[a] consideral-os transviados. No mez de março estava eu, doentissimo, longe d'aqui. E' possivel que os livros ficassem retidos no correio de Famalicão, e algum empregado, dado ao lyrismo, se apossasse d'elles, dando como definitivamente defuncto o destinatario. Aqui tem V. Ex.[a] uma explicação que me absolve de mal-educado.*

*De V. Ex.[a]*

*adm.[or] e cr.[o] agd.[o]*

*Camillo Castello Br.[co]*

## XIV

## A ALBERTO PIMENTEL (1)

*Meu prezado Alberto Pimentel*

*Remetto-lhe a* Gazeta do Povo *com o art.º de reparação a V. de Castro, e outro*

(1) Escriptor contemporaneo.

Nasceu no Porto em 1849. Socio da Academia Real das Sciencias. A. da *Jornada dos Seculos, Idilio dos Reis* (com prefacio de Camillo), *Noites de Cintra* (romance), As *Netas do Padre Eterno, Vida de Lisboa, Figuras Humanas, Vinte annos de Vida litteraria, O Lobo da Madragôa, O Romance do Romancista, Uma visita ao primeiro Romancista em S. Miguel de Seide, Amores de Camillo, Os netos de Camillo, etc.*

Um dos seus livros mais notaveis é o *Romance do Romancista,* onde relata a vida aventurosa de Camillo de quem era admirador e intimo.

N'esta obra ha rectificações sobre pontos importantes da vida do grande escriptor, e elementos novos de biographia.

Publicou ainda um escripto inédito de Camillo — *Lobishomem.*

As presentes cartas foram-nos communicadas depois de impressas as primeiras folhas d'este livro, bem como as

*meu que deve precedêl-o. (*[1]*) Se V. achar grande a responsabilidade de o publicar anonymo, pode subscrevêl-o com o meu nome. Não obstante, eu desejaria que V. adoptasse como suas aquellas idéas.*

*De V.*

*amig. obg.º*

*Camillo Castello Branco*

---

## CARTÃO DE VISITA

(SEM DATA)

*Meu amigo*

*Amanhan vae o que quer que seja. Se lhe desagradar, inutilise. Meu filho Jorge está em casa. Curado, não. Mas tranquillo, submisso e bom. A mãe mt.º alegre.*

*Do c.*

*C. Castello Branco.*

cartas do *Leme* que devemos a Nuno Castello Branco. Por esta razão não foram incluidos na pagina de offerecimento d'esta obra os nomes do illustre escriptor e de Nuno Castello Branco, a quem por esta forma significamos o nosso reconhecimento.

([1]) Durante a prisão de Vieira de Castro. O artigo sahiu no *Primeiro de Janeiro.*

XV

## A VICTORINO DA MOTTA [1]

*Meu presado Am.º*

*Congratulo-me com o meu caro Motta pelo projectado enlace da Ex.ma sua filha. Caze-as todas mas veja lá com quem.*

*Eu tencionava ir hoje ao Porto, mas passei muito mal a noute. Não posso. Tinha tenção de enviar ao S.r Clavel a carta inclusa p.a elle me fallar no hotel. Queira mostrar-lh'a ou dar-lh'a, e veja se elle combina com a proposta.*

*Faz-me um favor? Os jornaes dizem que o secret.º do ministro brazileiro em Lis.a, Dr. Luiz Guimaraens que ahi está no Gran-*

(1) Medico e intimo de Camillo. Os originaes d'esta secção pertencem a Candido Vaz e foram-nos facultados por intermedio de Alvaro Pinto, secretario da "Renascença Portugueza".

*de Hotel vem aqui. Eu é que desejo visital-o, e o farei mt.º breve. Diga-lhe que não se exponha ao tempo inclemente que aqui vai. Sei que elle está doente, e não deve vir. Pinte-lhe o que é esta estrada da Portella p.ª aqui onde não podem com os lamaçaes andar carruagens. Saiba-me o meu Motta até quando o Dr. G.es se demora no Hotel. Responda-me esta noute, que eu recebo a carta de manhã.*

*Desculpe o seu ad.or*

*C.*

---

*Meu amigo!*

*São mt.º louvaveis e mt.º de agradecer os seus offerecimt.os para remediar o lance financeiro desta casa; mas elle é de natureza que ou se remedeia com recursos proprios ou não tem remedio. Se ha meios para pagar, paga-se; qd.º os não ha, não se pede, porque o pedil-os sem poder pagal-os seria aggravar e não remediar a crize.*

*Felizmt.e que eu tenho estes livros, meus am.os de 30 annos, que por serem amigos devem servir d'alguma coisa.*

*Mandei o Espinho procurar a luneta ao meu oculista. Disse que não tinha luneta alguma. Foi aos 2 oculistas da m.$^{ma}$ rua que responderam o m.$^{mo}$. Naturalmt.$^{e}$ não me expliquei bem á Ex.$^{ma}$ Sr.$^{a}$ D. M.$^{a}$ Adelaide. Pedi a S. Ex.$^{a}$ que mandasse entregar a luneta sem entrar em ajuste. Sendo entregue, era devolvida prompta no dia immediato. Fez-me mt.$^{a}$ falta na Povoa, mas aqui não me faz nenhuma.*

*De V. Ex.$^{a}$ amigo*

*obg.$^{o}$*

*Camillo*

---

*Meu amigo*

*Eu tinha sahido de casa com uma pontada no figado, e com ella voltei p.$^{a}$ casa. A noute que passei no Porto foi pessima. Temi a immediata, e vim deitar-me. Quando o procurei, não tencionava retirar-me. Tinha mt.$^{os}$ desejos de o abraçar, e fallar-lhe dos incommodos de D. Anna. Brevem.$^{te}$ irei ahi e então conversaremos. Ella tem passado melhor.*

*Nuno e M.ª Isabel creio que se retiram, Eu offendido por grosserias de meu filho, intimei-o a sahir d'aqui com os seus 7 burros, com os seus coches e com os seus lacaios. Se elle tem dignid.ᵉ e brio, decerto se retira; mas eu duvido que elle o faça, por que a intuscepção phrenologica me faz suppor que na sua concerebração aquellas bossas não se pronunciaram. Tudo isto é triste.*

*O Jorge está sempre na sua noite com uns sonhos hilariantes. Perdido.*

*Folgo mt.º que o seu talento se faça conhecido nessa moderna exposição da oratoria. Não acho que seja temeridade: é um direito que o meu am.º exercita.*

*Cá de longe, desta obscurid.ᵉ não me sinto indifferente ás suas glorias e ás suas corôas; mas quizera que as segundas fossem cunhadas com a effigie ingrata ao seu republicanismo. Tenha-me sempre em vista o dinheiro,* o invicto dinheiro, *de que fallava o Tolentino gloria post munos.*

*Receba m.ᵗᵒˢ cumprimentos de Anna Placido e os d'ella e os meus para o rancho das senhoras e dos* petizes.

*Do seu m.ᵗᵒ am.º*

*C. Castello Branco*

*Meu presado amigo*

*Estive aqui 48 horas, mas tão doente que nem animo tive de ir ver o meu medico. Eu gosto m.[to] de o ver quando não receio de ser* receitado *e entregue á collaboração do boticario e do coveiro. Vou-me embora ás 4 horas — vou dormir estes somnos sobresaltados, ensaios para o grande e socegado dormir.*

*Quando se annunciar os* Combates e Criticas, *livro de S.[a] Pinto, compre-o e leia-o. Vem lá um trabalho meu m.[to] salpicado de barbaro republicano. Se lhe parecer, e vir que não ha indisposição da* Folha Nova *com o S.[a] Pinto, lembre ao E. d'Oliv.[a] a transcripção; mas, á menor hesitação, retire o alvitre. Seria até bom sondal-o primeiro. O trabalho é longo; mas poderia sahir em successivos jornaes, e eu prefiro o folhetim.*

*Recommenda-se á sua excellente fa.[a] o seu do C.*

*C. Castello Branco*

---

*Ex.$^{mo}$ Am.$^{o}$ e Sr.*

*Mandei hoje entregar ao procurador de V. Ex.$^{a}$ em V. Nova os livros designados excepto o da Ordem 3.$^{a}$ do Fr. Luiz de S. Fran.$^{co}$ por que, ao examinal-o, encontrei-lhe muitas folhas de menos. O dinheiro dei-xe-o estar V. Ex.$^{a}$ que não é cá preciso. A livraria de Burgães só depois de 15 de jan.$^{o}$ m'a entregam. Morreu o exequente q.$^{do}$ se passava o levantamento de deposito. Isso obriga o herdeiro a nova habilitação. Morreu hoje uma velhinha nesta casa. Tinha 80 annos e morreu da primeira doença. Não me era nada, e deixou-me por herança o dobrar de sinos que me parte a cabeça.*

*De V. Ex.$^{a}$ am.$^{to}$ aff.$^{so}$*

*Camillo Castello Br.$^{co}$*

---

*Ill.$^{mo}$ Ex.$^{mo}$ Snr. e meu amigo*

*Jurei não deixar passar m.$^{tos}$ dias sem o entretenimento de ler catalogos. Para mim é tambem não pequeno prazer quando m'os enviam, embora eu os devolv com a para*

*mim satisfatoria noticia de que tenho uns e não quero outros. Foi V. Ex.ª entregue de uns papeis e d'uma carta com uma lista de manuscriptos?*

*De V. Ex.ª*
*am.º m.$^{to}$ dedicado e agr.$^{do}$*
*Camillo C. B.$^{co}$*

---

*Meu am.º*

*As suas nevralgias são benignas. As m.$^{as}$ recrudesceram desde hontem. Duas noites e dous dias sem poder dormir. Venham os meus amigos a Seide, quando quizerem com os revólveres. Decerto que matam, mas não levam o art.º. Esta carta, onde a vê, custa-me o incendio de 3 oitavas de phosphorescencia cerebral.*

*Parece que suas ex.$^{ma}$ Snr.ª e Filha ficam em V.ª Real a pedido dos villarealenses, a ver se o fazem regressar. Lembre-se da neve e da presença funesta do Agavez.*

*Mt.$^{as}$ lembranças destas senhoras. A Mimi parece que está gravida, e mt.º contente por isso. Recommende-me ás meninas e ao snr. Diogo Souto.*

*Até á vista.* *Do seu*
*mt.º gratam.$^{te}$*
*s/c. 15/12/81* *C.*

*Meu am.º*

*Na cama ha 8 dias com dores. Hoje estou velho, mas cá ficarei até março, a apodrecer de todo, e a gemer sob o pêso dos cobertores de papa. Não tenha o incommodo de aqui vir até á primavera. Se eu ou alguem desta caza tiver doença séria, conte o meu am.º com a massada.*

*Respeitos e affectos a todos de todos desta s/c.*

*Do c.,*

*Camillo.*

---

*Meu presado.*

*Felicito-o pelas boas impressoens que trouxe de V.ª Real e pela felicidade que lá deixou. Eu tenho tido e soffrido arrelias diabolicas com a imprensa. Nem sei se me perdem, se me descaminham nos corr.os os originaes. Se você passar á porta do sr. Clavel pergunte se lá estão 2 vol.*—Pombal e a Inquisição *e* Pombal e o Vinho. *Estou resolvido a ir ahi estar até sahir o livro, para me livrar destas inquietaçoens. No estado nevrotico em que estou tudo me tem numa vibração nervosa deploravel. Não*

*durmo ha 3 dias, e* trabalho *sempre. Parece incrivel! Que forte cabeça eu tinha!*

*Respeitos a S. Ex.cias e affectos de todos d'aqui e do seu*

*Camillo.*

---

*Ill.mo e Ex.mo Snr. e meu amigo*

*A'manhã vou á excursão archeologica da papelada. Logo que volte darei parte a V. Ex.a do que passar.*

*Vou mandar para Braga um carro de livros para vender. Envio a V. Ex.a a lista d'elles. O que ahi ha bom tem V. Ex.a; o que não presta, decerto, o não quer; pelo conseg.te, nada ha que lhe possa servir. Entretanto, como V. Ex.a se entretém, a vêr destas coisas, mando-lhe o catalogo. Recommendo-lhe, todavia, os n.os 283 até 289.*

*Disto é que está virgem a livraria de V. Ex.a. Como eu ajuntei 642 sermoens manuscriptos, e muitos com mais de cem annos! Que mina!*

*De V. Ex.a*

*am.o mt.o affectuoso*

*Camillo.*

*P. S. Não se ria V. Ex.a das notas indicativas com que eu assopro o valor dos livros. Lá em Braga é preciso aquillo.*

*Meu am.º*

*Muito obrigado pelo favor das aguas. Continuarei a usal-as já que são de graça, mas não de chalaça medicinal. O que eu m.^to^ preciso é ir ahi ouvil-o a respeito dos olhos, por que se isto não retrocede estou cego. Logo que debelle uma bronchyte, vou ao Porto.*

*Anna Placido vai vivendo, mas mt.º triste. Os restantes bem. Do Jorge — do morto — não se falla. Lembre-nos á sua ex.ma fam.a*

*Seu do c.*

*10.*

*C. Castello Br.co*

---

*Meu am.º*

*Dá-me uma cruel noticia. Veja se lhe posso ser util, e diga-me se a prova da innocencia de seu genro não pode ser estorvada pela intriga. D. Anna teve um grande pesar com tão inesperada nova. Não conhecemos ninguem feliz!*

*Do seu am.º verd.º*

*C. Castello Br.*

*Meu presado am.º*

*Sinto-me peorar mt.º aqui e resolvo custe o que custar ir amanhan para o Porto. Lá veremos se devo entrar numa casa de saude.*

*Affectos a todos os seus.*

*Do am. do c.*

*C. Cast.º Br.co*

---

*Ex.mo Amigo*

*Como V. Ex.a gosta de ver catalogos de livros que se vendem (paixão que me fez ir mais alem das m.as posses) mando-lhe ainda outro. Devo, porém, advirtir a V. Ex.a que os livros me não pertencem, e pode V. Ex.a, sem impedimento de alguma consideração, regeital-os todos. Tome V. Ex.a estas leituras como passatempo.*

*De V. Ex.a*

*amigo obg.mo*

*C. de V. Ex.a*

*22 de abril de 1866.*

*Camillo Cast.º Br.co*

*Meu Am.*

*O Nuno disse que o meu am.º vinha hoje (domingo). Elle foi esperal-o á estação e nós esperavamos com o frugal almoço. E' a 3.ª vez que isto succede. Se não houve razão funesta que o embaraçasse, estimo que não viesse por que está horrivel o calor.*

*Escrevi hontem ao general. Se vier resposta, mandar-lh'a-hei.*

*O Nuno e a m.er vão 3.ª f.ª p.ª a Povoa e eu com o resto da fam.ª para o Bom Jesus. Tenciono regressar em 7br.º, se lá me der bem e puder trabalhar.*

*Oxalá que as contrariedades de seu genro se vão rarefazendo. Diga-me o que lhe fôr sahindo bem esperançado.*

*O Souto naufragou de novo.* Habent sua fata escriptores.

*Do seu am.º*

*certo e grato*

*C. C. Branco*

XVI

## A D. ANNA AUGUSTA PLACIDO ([1])

*Creio que cheguei ao termo da vida. Resigna-te, m.ª querida e até á morte, adorada Anna Augusta. Agarra-te á vida que é a taboa salvadora d'este filho que está ao pé de mim com a morte, estampada no rosto. Segue a tua via de amargura com a coragem que tens sempre revelado.*

*Fica n'este mundo por alguns annos*

([1]) Já depois de impressas as primeiras folhas d'este livro tivemos conhecimento da publicação no *Leme,* quinzenario de S. Miguel de Seide, de algumas cartas de Camillo dirigidas a D. Anna Augusta Placido. Pois que taes documentos falam, como nenhuns outros, da tragedia do Romancista, entendemos dever reproduzil-as. Excepcionalmente inserimos n'esta obra documentos anteriormente publicados. Republicam-se as presentes cartas em attenção ao seu extremado valor, com parte das notas da Redacção do "*Leme,*" a cargo de Nuno Placido Castello Branco, neto de Camillo -- de quem as obtivemos.

*como quem se sacrifica ao pai na pessoa dos filhos.*

*Lembra-lhes mt.as vezes o teu*

*Camillo.*

*2 horas da noute,*
*23 de abril de 1879.*

---

*Nininha*

*Estou a escrever ao Ant.º Vicente e ao Campos* (1). *Logo tomo chá, e deito-me depois. Até amanhã.*

*Beijos aos filhinhos.*

*Teu C.* (2)

(1) "Antonio Vicente de Carvalho Leal e Sousa (Commendador), morreu a 16 de Janeiro de 1911, na sua casa do Mosteiro de Landim. Era um dos intimos de Camillo e por este muito considerado pela erudição e talento de que sempre deu provas, tanto no convivio social, como nos cargos publicos a que foi chamado.

(2) "O Romancista assigna apenas com a inicial do seu nome. Tambem não tem data a carta: mas não erraremos muito, se a fizermos remontar a 1866."

(Notas da Red. do *Leme*)

*3 da tarde.*

*Filha* (1)

*Desde Seide até ao Porto sempre com as agonias do spasmo. Memoravel jornada!*

*Veio ao meio dia o Ricardo* (2) *e receitou capsulas para o espasmo. Disse-me que eu ainda podia viver 3 annos. Já não é pouco, vamos lá. Receitou-me oculos p.ª lêr, oculos para comer, etc. Pataratices.*

*Escrevi ao Gramaxo. Disse-me que o procurasse ámanhan entre as 9 e as 11. Ricardo diz que conhece a formula de Gramaxo — e receitou. Asneira. A's apalpadelas.*

*Como desesperado, fui ao S. Thiago. Examinando-me de novo confirmou o que tinha asseverado, e classificou a doença —* augmento *de myopia. Receitou-me a estrychnina. E' com que se matam os cães. São 12 bolas que hei-de tomar em 8 dias, e apparecer. Tenho de ficar aqui os 8 dias. Dava-me iodeto ou mercurio; mas acha-me* profundamente anemico.

(1) "Camillo na vida familiar, ora escrevendo, ora fallando, costumava tratar sua esposa por *Filha* ou *Anninhas.*

(2) "Dr. Ricardo Jorge, distinctissimo medico, actualmente em Lisboa. Foi contemporaneo e um dos amigos mais intimos de Camillo Castello Branco. Os descendentes do Romancista devem-lhe particular gratidão."

*Reprovou os oculos e as capsulas do Ricardo, fazendo-lhe ao m.mo tempo grandes elogios. «O 1.º medico de Portugal»! Puf! Que não tomasse mais nada. Que fizesse exercicio de manhan e de tarde. Até esta hora aqui tens a m.a vida. A cabeça peza-me. Que noite será a m.a, e qual será a tua!*

*Ricardo ficou alegre com a noticia das urinas. Diz que póde ser a cura completa do teu incommodo, e attribue o caso a uma revolução natural.*

*Basta meu amôr. Conformemo'-nos — saibamos soffrer e morrer.*

*Teu mt.º da alma*

*C. C. B.*

*Lembra-me ao meu querido Jorge. O Nuno foi com o Dias buscar as p... ás Regadas* (1). *Na estação entraram clandestinamt.e Que pudor!*

*Camillo.*

"(1) Aquella lettra, seguida de reticencias, encobre um termo que não abona a honestidade da pessoa ou pessoas a quem é dedicada. Todavia o caso não merecia tanta rudeza na allusão: o filho Nuno pelas relações de muita intimidade que mantinha com o celebre actor Dias foi por elle rogado para deixar ir umas coristas de theatro passar uns dias a ares, na sua quinta de Regadas, em Requião, per-

*M.ª filha*

*O Jorge respondeu. Logo te mostrarei a carta, por que vou no comboyo da tarde.*

*Depois que jantei tenho passado peor de tudo. Sahi com o Ricardo, e n'um pedaço que andei a pé por condescendencia conheci que estou incapaz de sahir de casa e d'aqui a pouco da cama.*

*Não ha remedio. Chòro, mas resigno-me, filha. Creio que vou dizendo adeus p.ª sempre a este Porto onde pago em cada hora de tortura todas as alegrias do passado. E as tuas? Ah! filha, como nós acabamos em tão escura desgraça!*

*Manda ao Florindo.*

*São 9 da noite.*

*Teu C.*

tencente hoje ao Dr. Henrique Ferreira Machado, distincto advogado nos auditorios d'esta comarca. A familia de Nuno, além da mãe e do pae, suspeitaram das hospedas de Regadas e os hospedeiros viram-se obrigados a recommendar-lhes a retirada clandestina. Camillo, sabedor dos acontecimentos, apressou-se a participal-os á esposa como noticia de sensação. Eis explicado o facto que provocou ao grande Camillo aquella aguda ironia e aquelle apodo aviltante.»

(Nota da redacção do *Leme*).

*M.ª filha*

*10 ½ da manhan.*

*Parei no Louvre, e provavelmente não passarei d'aqui. Viver na Foz, sem a m.ª Annica, não comprehendo. Trabalhar fóra de caza tambem não. Fiquei aqui a vêr se posso estar alguns dias como diversão de ares. Se não poder, vou-me embora e iremos depois fazer o passeio pela provincia.*

*Tenho a cabeça mt.º azoada, e a vista não me alcança o que escrevo. Não mandes nada de roupa, por emqt.º.*

*Beijo-te os olhos e o coração.*

*Recados aos Filhos.*

*Teu C.*

---

*Na Estação*

*Minha querida filha*

*Eu levo uma sinistra saudade de ti. Vou doente e triste como nunca. O coração pede-me a gritos que volte d'aqui para casa; mas sei que te vou affligir. Devo sacrificar-me, e vou — Deus o sabe! — como arrastado.*

*Ad.s filha. Manda-me ir para casa logo que possas soffrer-me. Escreve-me para casa do Malheiro.*

*Teu Camillo.*

*1 hora da noute — 4.ª fr.ª*

*Gosto de marcar estas crises horriveis. Estou cheio de dores nevralgicas nas pernas, e tenho a cabeça em fogo. Attribuo isto ao sol que soffri até á Portella. Tenho empregado inutilmt.ᵉ todos os meios do costume. Aterra-me a idéa de morrer longe de ti. Não me assustam as dôres: é a cabeça.*

*Estou na Cordoaria — Hotel Restauração. Sósinho, sem ninguem a quem recôrra. Deus se compadeça do teu pobre C.*

*Vou-me deitar outra vez.*

*Vejo-te a dormir serenamente, Deus o permitta.*

*Teu*

*Camillo.*

---

*M.ª f.ª*

*Vencido pelo tedio, como te disse, vim p.ª o Porto. Horrivel calor. Passei pessima noute, pelo aggravo do torcicólo. Fastio e pouca alimentação. Estamos no Universal. O Gomes de Braga disse-me que ouvira isto*

*ao medico Antonio M.$^{a}$: «O Camillo, ao que padece ha 20 annos, já devia ter morrido. Tem rijas fibras; mas, no desalento em que está, não pode viver.» Isto é de uma exactidão mathematica. Não posso viver. Ainda assim, irei a Matosinhos consultar o Castro. E' uma esperança que ainda me ampara não sei como. Em todo caso, resignemo-nos. E' forçoso morrer seja de que for. A crueld.$^{e}$ da sorte tem sido extraordinaria comigo. Heide pedir a algum medico claro como o Reis ou o Gramacho que me digam a verd.$^{e}$ sem rodeios. Se tenho de morrer, filha, não volto ahi; não quero que me vejas nem quero ver o meu Jorge. Seria exacerbar sem precisão a m.$^{a}$ agonia. Crê que ao aproximar-se a hora final, não terei saudades de nada, nem sentirei a necessidade de te ver. A morte tem isso bom. Convence-te: no meu estado e no meu desespêro não se levanta ninguem. A's vezes quero tirar do espirito forças extraordinarias; mas o corpo a cahir parece um escarneo á m.$^{a}$ illusão de momentos. Escrevi-te m.$^{s}$ do que posso; nem sequer posso curvar a cabeça p.$^{a}$ ver o papel. Em tempo disseste-me que seria bom acabarmos ao m.$^{mo}$ tempo. Não succumbas em qt.$^{o}$ poderes viver e amparar o Jorge, mas quando elle morrer, não tenhas pena de deixar este inferno de tantos annos,*

*p.ª que nenhum de nós teve o coração preciso e a valentia da responsabilid.e no infortunio. M.s nada, e olha que sentia hoje a precisão de te fazer a resenha das desgraças de 28 annos q. me reduziram a este esqueleto chicoteado pelas dores.*

*Ad.s m.ª filha.*

*Teu mt.º do c.*

*C. Castello Branco.*

## XVII

## A JORGE CASTELLO BRANCO

*Meu filho*

*Os objectos que ficaram no hotel da Carolina já estão em meu poder. O diccionario prosodico foi entregue á pessoa que t'o emprestou. O livrinho que te deu o Azuaga tambem cá está. Podes estar descançado a tal respeito. Temos tido bôas noticias das melhoras que tens obtido na Casa de Saude. Esperamos que voltes a Seide com saude e alegria. Não te cances a escrever. Basta que o faças quando sintas bôa vontade de escrever á tua familia.*

*Teu pae*

*Camillo Castello Branco.*

*Meu Jorge*

*Escreve-me quando possas.*

*Tanto eu como tua mãe temos passado m.to mal. O Snr. Moutinho dá-me boas noticias da tua saude. Esperamos que d'ahi d'essa casa de saude saias restabelecido para onde quizeres ir, visto que não gostas de estar em Scide; e tens razão que isto aqui é muito triste. Saudades de tua pobre mãe.*

*Teu pae*

*Camillo Castello Branco.*

# DIVERSAS

*Porto, 7 de Nv.º de 65.*

*Meu estimado amigo* (1)

*Mais reconhecido ainda ao favor de V. Ex.ª. Estou satisfeitissimo.*

*Hei-de, alguma vez, relembrar aos poucos leitores dos meus livros aquelle pobre Heitor Dias da Paz, que deve estar no ceo das almas corajosas pela dignid.ᵉ com que se deixou assar.*

*Mande-me*

*como seu amigo*

*e obrig.ᵐᵒ cr.º*

*Camillo Castello Branco.*

---

*Meu presado amigo*

*Que trabalho eu dei a V. Ex.ª! Desculpe-me e considere-me tão agradecido q.ᵗᵒ importuno. Agora lhe peço ainda o trabalho*

(1) Reunimos n'esta secção *(Diversas)* as Cartas de que desconhecemos os destinatarios.

As primeiras d'esta série (I a V) pertencem ao archivo particular do Sr. Conde do Ameal de quem as obtivemos por intermedio do Prof. Dr. Bernardo Augusto de Madureira.

*de me remetter a papellada. Não sei se bastam 8 estamp.as que remetto (desculpe-me V. Ex.a a liberd.e, que sem muita fé na sua amizade não a usaria). Se fôr mais retribuirei.*

*Os editores têm razão. Aquelle livro em Portugal não teria cem leitores em cada camada social. Seriam necessarias dez gerações p.a extinguir uma edição de 800 exemplares. Ficarei com elle na m.a estante, indemnisando-me com o prazer de sêr eu quem unicamente dá um logar distincto ao pobre Seropita entre os seus coevos.*

*Escuso dizer a V. Ex.a que, se quizer um traslado, lho mandarei tirar com muitissimo prazer. Qd.o temos o 1.o vol. supplem. ao Dicc.? Estou ancioso d'elle.*

*De V. Ex.a*

*amigo obrigadissimo*

*C. Castello Branco.*

*S. Miguel de Seide,*
*17 de Fev.o de 1867.*

*Ill.^mo Ex.^mo Snr.*

*Logo que eu haja extrahido os esclarecim.^tos que me dá este n.^o da revista, devolvel-o-hei m.^to agradecido ao favor de V. Ex.^a Os meus apontamentos não iam tão longe. O auctor escreve na terra onde, por assim dizer, se desfizeram as reliquias do Prior do Crato. O que é impossivel, penso eu, é obter o nome ou nomes das mães dos filhos de D. Antonio. E' um segredo que de certo se não deve á recatada honestidade do filho de Violante Gomes. Provavelmente, as mulheres seriam de tão baixa estôfa que desdourariam os filhos. Dizia D. Gaspar, arceb.^o de Braga, e filho de D. João V, a uma snr.^a da Flôr de Murta, que era sua mãe: «Minha Senhora, os filhos bastardos dos reis não têm mãe.» E ella replicou: «Pois saiba V. alteza que os filhos das p.... não têm pai.»*

*Disponha V. Ex.^a da sincera vontade de lhe ser util este que muito se preza assignando-se de*

*Porto, 28*
*de 9.^bro de 1874.* *V. Ex.^a*

*creado affectivo e adm.^or*

*Camillo Castello Br.^co*

*Ill.mo e Ex.mo Sr.*

*Peço desculpa de não ter ido pessoalmente agradecer a V. Ex.a o brinde dos seus livros com que estou começando os meus estudos n'este ramo que até agora descurei.*

*Disse-me V. Ex.a que possuia em uma Revista belga noticias dos descendentes do Prior do Crato. Direi a V. Ex.a as que tenho, e V. Ex.a terá a summa bondade de me illustrar com a noticia do que ignoro.*

*Sei que D. Ant.o teve os seg.tes filhos: Manuel, Christovão, Diniz, João, Philippe e Luisa. M.el casou em 1598 com Emilia de Nassau, que morreu em Genebra em 1624. Passou a segundas nupcias com D. Luiza Osorio, e morreu em Bruxellas em 1638, no mesmo anno em que D. Christovão morreu em Pariz.*

*D. M.el teve um filho do mesmo nome, que primeiro foi carmelita, e depois protestante. Casou em 1646 com Joanna, condessa de Hanau, que morreu em 1673.*

*O M.el morreu em 1686, deixando quatro filhos:*

*Guilhermina Amelia, que morreu nova; Isabel M.a que casou em 1678 com Adriano, barão de Ghent; M.a Luiza que morreu solteira, e Christina Delfina que tambem fal-*

*leceu sem descendencia. Isto pelo que respeita aos f.[os] do primeiro matrimonio. Do segundo deixou D. Luiz, Maria, Emilia Luiza, Anna Lucia, Inhára, Sabina e Mauricia Leonor, que casou com Jorge Frederico, Principe de Nassau S., e morreu em 1674.*

*D. Luiz, marquez de Tramoso, casou em 1631 com Anna Maria Capeci Galeoti, f.[a] de João Bapt.[a] Capeci Galeoti, principe de Monte Leon e de Diana Spinelli. Geraram D. M.[el] Eugenio de Portugal, III de nome, marquez de Tronest e Tramoso, fallecido em Roma, sem casar, em 1687, e D. Fernando Alex.[e] de Portugal, cavalleiro de S. Thiago, abbade de S. Bernardo de Anvers.*

*D'aqui por diante é que eu m[to] agradecerei os esclarecimentos de V. Ex.[a]*

*E por tudo me assigno*

*de V. Ex.[a]*

*adm.[or] e respeitoso am.[o]*

*Porto, 21 de O.[bro] de 1874.*

*Camillo Castello Branco*

*Ill.$^{mo}$ e Ex.$^{mo}$ Snr.*

*Desculpe V. Ex.ª a demora na remessa do D. Antonio. Hoje vou trasladar os art.$^{os}$ que podem servir-me, e ámanhã ou depois, remetto a V. Ex.ª o impresso. Deligenciei por via dos livreiros obter em Bruxellas um expl.; mas, como havel-o era coisa de pouco lucro para os livreiros, não o obtive.*

*Agradeço a V. Ex.ª o favor que me fez e lhe offereço a vontade sincera de mostrar que sou*

*Coimbra, 28 de M.$^{ço}$ 1875.*

*De V. Ex.ª*

*creado adm.$^{or}$ e affect.º v.$^{or}$*

*Camillo Castello Br.$^{co}$*

---

*Meu amigo*

*Não se esqueça de me communicar o que souber a respeito do S.* (1) *Necessito de*

(1) Refere-se a um escriptor distincto, cujo nome entendemos dever omittir. Esta carta, que nos foi communicada pelo jornalista Sr. Oldemiro Cesar, accusa um mal intendido mais tarde reparado por Camillo.

*eliminar dos meus futuros orçamentos esta verba, se a isso for obrigado, e silenciosamente, como convem a* dois homens de lettras, *sem cambio.*

*Abraça-o o seu velho am.º*

*C. Castello Br.co*

*S. C.*
*Seide, 26 de 7br.º*
*87.*

---

*Meu amigo* (1)

*Tenho demorado a resposta á sua ultima carta, por que necessitava reconstruir com um esforço de reminiscencia e exhumação de apontamentos o meu antigo plano de uma* Maria da Fonte.

*Pude recompor as linhas essenciaes da obra, e por tanto será a* Maria da Fonte, *titulo de uma* Serie 2.ª *de* Novellas do Minho, *cujo numero não posso de antemão determinar, mas que não será inferior a 10*

(1) Esta carta foi adquirida pelo Prof. José Leite de Vasconcellos n'um alfarrabista da T. da Palmeira p. o Museu ethnologico onde tem o n.º de entrada 3230.

*numeros, dando-me V. Ex.ª por cada um 100$ rs.*

*O 1.º irá em janeiro, e haverá meses em que se publiquem dois numeros, podendo eu todos os dias furtar ás minhas doenças quatro horas de trabalho. Se o meu am.º vir o Ayres, queira dizer-lhe que respondi á sua carta; mas como não designei o n.º da casa, não lhe seria entregue. Tive ha poucos dias noticias directas do Pinho Leal que não vejo ha 6 annos. Diz-me agradareis coisas do seu rheumatismo. Desta vez o* Diccionario *vinga-se, creio eu.*

*Dê-me boas novas da sua saude, e cesse de lamentar o filho, que se lhe esquivou á dura vida, morrendo sem sequer ter provado o calix. Oxalá que os meus filhos me fossem hoje uma saudade apenas.*

*De V. Ex.ª*

*am.º e obrig.do*

*Camillo Castello Br.co*

# VERSOS DE CAMILLO

## XIX

## VERSOS DE CAMILLO

---

### A MINHA MULHER

Oh dôce amparadora,
Se te vejo adormecida,
Cuido que te foge a vida,
E então minha alma chora.
Acorda, filha, não durmas;
Ergue a Deus a tua prece;
E as tuas dores offr'ce
Para que eu morra; e, depois
Que eu morrer, filha, adormece. [1]

---

[1] Esta poesia foi offerecida a Cruz de Malhães por D. Flora Castello Branco, neta de Camillo.

Está hoje em poder de Ferreira Lima a quem devemos a respectiva copia.

Com que saudade o espirito te via,
Oh anjo do infortunio aquelle dia!...

Cadea, 17 de abril de
1861-1 h. da noute (1)

(1) Camillo entrou pela segunda vez na cadeia em Outubro de 1860.

Do Archivo das Cadeias da Relação do Porto, livro n.º 14, folha 46, verso, consta:

"Outubro, primeiro de mil oitocentos e sessenta. Camillo Castello Branco, que assim disse chamar-se, solteiro, de trinta e quatro annos de idade, escriptor publico e proprietario, filho de Manuel Joaquim Botelho Castello Branco e D. Jacintha Rosa Proença, já falecidos, natural da cidade de Lisboa. De estatura regular, rosto cumprido, trigueiro, bexigoso, cabellos pretos, olhos castanhos escuros. Vestido com casaco e calça de panno preto. Declarou que já aqui estivera preso e agora por crime de adulterio de que lhe é parte Manuel Pinheiro Alves d'esta cidade." (Vid. Romance do Romancista por Alberto Pimentel). Camillo e D. Anna Placido foram julgados e absolvidos no 1.º Districto criminal do Porto, sahindo da Cadeias da Relação em 17 de Outubro de 1861.

# INDICE

ACABOU DE SE IMPRIMIR
AOS 3 DE JULHO DE 1913
NA TYPOGRAPHIA COSTA
CARREGAL, TRAVESSA PAS-
SOS MANUEL, 27 — PORTO.

BIBLIOTECA

DA

# RENASCENÇA PORTUGUESA

A Águia — Revista mensal.
A Vida Portuguesa — Quinzenário.
A Evocação da Vida — *Augusto Casimiro.*
Regresso ao Paraiso — *Teixeira de Pascoaes.*
Esta História é para os Anjos — *Jaime Cortesão.*
O Espírito Lusitano ou o Saudosismo — *Teixeira de Pascoaes.*
A Sinfonia da Tarde — *Jaime Cortesão.*
O Criacionismo — *Leonardo Coimbra.*
A Educação dos povos peninsulares — *Ribera y Rovira.*
Romarias — *António Correia de Oliveira.*
A Primeira Nau — *Augusto Casimiro.*
Cintra — *Mario Beirão.*
O Doido e a Morte — *Teixeira de Pascoaes.*
Daquem e Dalem Morte — *Jaime Cortesão.*
O Ultimo Lusiada — *Mario Beirão.*
O genio Português — *Teixeira de Pascoaes.*
Elegias — *Teixeira de Pascoaes.*
Camilo Inédito — (*Prefacio e Notações de Villa-Moura*).

NO PRELO:

Só — *António Nobre.*
Humor e Philosophia — *Villa-Moura.*



500 reis





